

Um debate polifônico - quais são as oportunidades e desafios para pesquisas qualitativas em contabilidade?

A polyphonic debate - what are the opportunities and challenges for qualitative research in accounting?

Un debate polifónico: ¿cuáles son las oportunidades y los desafíos de la investigación cualitativa en contabilidad?

Ricardo Rocha de Azevedo (Org).

Doutor em Controladoria e Contabilidade (FEA-RP/USP)
Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP)
ricardo.azevedo@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-6302-0760>

Vitor Hugo Klein Junior

Doutor em Administração (Helmut Schmidt
Universität, Alemanha)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
vitor.klein@udesc.br
<http://lattes.cnpq.br/3937163886065290>

Fernanda Filgueiras Sauerbronn

Doutora em Administração (EBAPE-FGV)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
fernanda.sauerbronn@facc.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-7932-2314>

Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Doutora em Controladoria e Contabilidade (FEA-USP)
Universidade de São Paulo (FEA-USP)
silvianova@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-1897-4359>

Marcelo Sanches Pagliarussi

Doutor em Ciências E Engenharia de Materiais (UFSCAR)
Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP)
marcelosp@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7256-185X>

Sandra Maria Cerqueira da Silva

Doutora em Controladoria e Contabilidade (FEA-USP)
Faculdade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
sandraam@uefs.br
<https://orcid.org/0000-0002-4738-3040>

André Feliciano Lino

Doutor em Controladoria e Contabilidade (FEA-RP/USP)
University of Essex
andre.lino@essex.ac.uk
<https://orcid.org/0000-0003-1121-4971>

Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo

Doutora em Controladoria e Contabilidade (FEA-USP)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
marcia.bortolucci@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-9081-781X>

Resumo

Objetivo: O objetivo desse debate polifônico é apresentar reflexões sobre pesquisas qualitativas em contabilidade, destacando oportunidades e desafios. Os autores e autoras esperam trazer contribuições para enriquecer os debates e auxiliar a consolidar as pesquisas com esse tipo de abordagem.

Metodologia: O artigo foi desenvolvido utilizando uma metodologia conhecida como debate polifônico, em que autores e autoras são convidados a conversar com o leitorado, apresentando visões diferentes sobre a temática proposta, estimulando reflexões. A metodologia de Debate Polifônico tem sido utilizada em diversas publicações recentes, como em Ahrens et al. (2008) e Grossi et al. (2023). Essa metodologia de construção colaborativa permite simular um fórum de debate com diferentes pontos de vista, permitindo gerar contribuições para a temática analisada com diferentes perspectivas.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Contribuições: O artigo contribui para o debate apresentando pontos de atenção relevantes para os pesquisadores e pesquisadoras interessados(as) em se envolver em projetos e publicações com abordagens qualitativas, com foco especial em contabilidade, nas vertentes interpretativa e crítica.

Palavras-chave: debate polifônico, pesquisas qualitativas, metodologias de pesquisa.

Abstract

Objective: The objective of this polyphonic debate is to present reflections on qualitative research in accounting, highlighting opportunities and challenges. The authors hope to make contributions to enrich the debates and help consolidate research with this type of approach.

Methodology: The article was developed using a methodology known as polyphonic debate, in which authors are invited to talk to the reader, presenting different views on the proposed topic, stimulating reflections. The polyphonic debate methodology has been used in several recent publications, such as Ahrens et al. (2008) and Grossi et al. (2023). This collaborative construction methodology allows you to simulate a debate forum with different points of view, allowing you to generate contributions to the theme analyzed from different perspectives.

Contributions: The article contributes to the debate by presenting relevant points of attention for researchers interested in getting involved in projects and publications with qualitative approaches, with a special focus on accounting, in the interpretative and critical aspects.

Keywords: polyphonic debate, qualitative research, research methodologies.

Resumen

Objetivo: El objetivo de este debate polifónico es presentar reflexiones sobre la investigación cualitativa en contabilidad, destacando oportunidades y desafíos. Los autores esperan hacer aportes para enriquecer los debates y ayudar a consolidar investigaciones con este tipo de enfoque.

Metodología: El artículo se desarrolló utilizando una metodología conocida como debate polifónico, en la que se invita a los autores a conversar con el lector, presentando diferentes visiones sobre el tema propuesto, estimulando reflexiones. La metodología del Debate Polifónico ha sido utilizada en varias publicaciones recientes, como Ahrens et al. (2008) y Grossi et al. (2023). Esta metodología de construcción colaborativa permite simular un foro de debate con diferentes puntos de vista, permitiendo generar aportes al tema analizado desde diferentes perspectivas.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Contribuciones: El artículo contribuye al debate presentando puntos de atención relevantes para investigadores interesados en involucrarse en proyectos y publicaciones con enfoques cualitativos, con especial enfoque en la contabilidad, en los aspectos interpretativos y críticos.

Palabras clave: debate polifónico, investigación cualitativa, metodologías de investigación.

1. Introdução¹

O campo de pesquisas em contabilidade tem mudado. Se há até pouco tempo era raro encontrar estudos qualitativos, atualmente o interesse e a aceitação por essa abordagem de pesquisa têm crescido nos mais diversos periódicos (Power & Gendron, 2015).

Além dos periódicos, a área contábil tem se organizado para instrumentalizar esse tipo de abordagem. Por exemplo, no Brasil, diversos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade ou Negócios incluíram o ensino metodológico de pesquisas qualitativas em seu rol de componentes curriculares², em um ambiente até pouco tempo atrás exclusivamente quantitativo (Imoniana, Brunstein & Casa Nova, 2022). Como parte desse processo, apesar de não verificado empiricamente, temos a percepção de que a utilização de pesquisas qualitativas nos congressos acadêmicos da área contábil parece ter sido ampliada, e muitos passaram a mencionar direta ou indiretamente a aceitação de diferentes métodos e epistemologias. Nesse movimento de mudança, iniciativas direcionadas a pesquisas qualitativas passaram a ser adotadas expressamente na área (CMS desde 2017, QRCA desde 2018, Enanpad desde 2019, Anpcont desde 2021, USP desde 2014).

A criação de números especiais como da Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão em 2018 e 2019, e a criação de um periódico com interesse exclusivamente em pesquisas qualitativas na área contábil (Prospectus – Perspectivas Qualitativas em Contabilidade e Organizações) é mais uma evidência que indica o quanto o interesse vem crescendo no Brasil.

Apesar do crescimento nas publicações das pesquisas qualitativas na área contábil, ainda existem dúvidas e questionamentos sobre sua operacionalização (Freitag, 2023). Assim, mesmo reconhecendo a existência de pontos de atenção chamados de estereótipos por Power e Gendron (2015), procuramos discutir que a pesquisa qualitativa proporciona um senso de aventura e descoberta, de mapeamento de territórios de conhecimentos novos e ricos em detalhes, que permite explorar com profundidade os fenômenos de interesse.

Nesse contexto, o objetivo do presente artigo é trazer reflexões para pesquisas qualitativas na área de contabilidade, por meio da apresentação de diferentes visões, através

¹ A introdução e considerações foram escritas pelo coordenador do projeto, e, apesar de terem sido revisadas de forma colaborativa, não refletem necessariamente a posição de todos os autores e autoras.

² Anos da criação de componentes curriculares com abordagens qualitativas: PPGCC/UEPB e PPGCC/UFRRJ (2014), PPGCC/FEAUSP (2017), PPGCC/UFMS, PPGCC/UFBA e PPGCC/UNB (2018), PPGCONT/UFPR (2019), PPGCC/FEARP e PPG/FECAP (2020), PPGCC/UFU (2021), PPGC/UFPA (2023) – Fonte: levantamento feito junto aos coordenadores dos programas, via Anpcont.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

de um debate polifônico com autores e autoras que atuam com esse tipo de pesquisa na área de contabilidade. Ahrens et al. (2008) argumentam que o debate polifônico traz como grande vantagem a flexibilidade de escrita, permitindo aos autores e autoras debaterem e apresentarem argumentos que não encontrariam espaço em uma publicação tradicional. Esse tipo de abordagem de escrita coletiva pode ser útil, tendo sido utilizada para debater livremente temas como o futuro da pesquisa interpretativa em contabilidade (Ahrens et al., 2008), orçamento público no Brasil (Bartoluzzio et al., 2023), futuro das pesquisas em contabilidade do setor público (Grossi et al., 2023), e o futuro das revistas de contabilidade na Colômbia (Macías et al., 2014).

O desenvolvimento da presente publicação foi realizado em três etapas. Em uma primeira rodada, cada autor e autora foi convidado a responder livremente com reflexões para a seguinte questão comum: “Quais são as oportunidades e desafios para pesquisas qualitativas em contabilidade?”, sendo adotada como única diretriz um tamanho de texto em torno de 1.500 palavras. Na sequência, após consolidação das reflexões iniciais, o material foi circulado entre os autores e autoras, que tiveram a oportunidade de acrescentar ou amadurecer argumentos. Por fim, o coordenador do projeto (Ricardo Azevedo) elaborou uma introdução e considerações finais, e o material foi novamente circulado em uma nova rodada para leitura final.

A publicação está estruturada da seguinte forma. Na sequência do texto, apresentamos as reflexões individuais dos autores e autoras sobre a temática proposta. As reflexões individuais apresentadas foram agrupadas pelo coordenador do projeto em blocos temáticos de acordo com o foco das contribuições, construídos de acordo com um entendimento de cada contribuição.

Primeiro, apresentamos reflexões ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas, discutidas por **Vitor Klein Júnior** (discutindo contabilidade enquanto realidade social construída, contextualizada e performativa); **Fernanda Sauerbronn** (trazendo contrapontos de diferentes abordagens e posicionamentos, apontando o qualitativo enquanto fenômeno político); e **Silvia Casa Nova** (discutindo as vigilâncias onto-epistemo-metodológica e temática, e fazendo um convite para empirismo naïve). Na sequência, apresentamos reflexões macro-institucionais, com **Marcelo Pagliarussi** (visão crítica sobre a busca por internacionalização) e **Sandra Silva** (impactos da colonização quantitativa e neoliberalismo na área). Por fim, apresentamos contribuições que focaram na parte metodológica em si e qualidade das pesquisas, com **André Lino** (diversificação em métodos de coleta de dados para além do uso de entrevistas); **Márcia Espejo** (discutindo a lacuna entre academia-prática e solução via pragmatismo, e uma ligação entre pressões macro institucionais e o método); e **Ricardo Azevedo** (refletindo sobre a qualidade metodológica e o alinhamento entre paradigmas e questões de pesquisa). Ao final, apresentamos algumas conclusões e discutimos possíveis implicações para o campo de contabilidade.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

2. Oportunidades e desafios ontológicos e paradigmáticos

Neste bloco temático, autores e autoras destacam a importância de debater pressupostos ontológicos e paradigmáticos que influenciam a pesquisa (e os pesquisadores e pesquisadoras) de abordagens qualitativa em contabilidade. A reflexão sobre a jornada de cada pessoa, e a necessidade de uma postura interpretativa, demonstram que estes são seres políticos que escolhem (ou são escolhidos por) uma visão de mundo que lhes é cara. Ainda, autores e autoras enfatizam a diversidade de abordagens, desde o funcionalismo até a pesquisa crítica, e ressaltam a necessidade de superar a visão de contabilidade como neutra, para compreendê-la em seu contexto e performatividade. O objetivo das abordagens qualitativas de pesquisa seria buscar a emancipação e a transformação social – passando pela superação de vigilâncias onto-epistemo-metodológicas e temáticas, e promovendo uma maior diversidade de vozes e perspectivas na pesquisa contábil.

2.1. Vitor Hugo Klein Júnior – Postura interpretativa e a compreensão da contabilidade em contexto

Um debate polifônico sobre as agruras e belezas inerentes ao fazer da pesquisa qualitativa na contabilidade me parece ser uma boa oportunidade para refletirmos sobre o que podemos chamar de postura interpretativa. Essa postura requer, a meu ver, um tipo de disciplina que vai além daquela relacionada ao desenvolvimento de capacidades para se manusear métodos e teorias; antes disso, ela diz respeito aos desafios relacionados à compreensão da contabilidade e seus fenômenos como intrinsecamente ligados às instituições, histórias e contextos dos quais emergem e fazem parte.

No contexto anglo-saxão, essa forma de compreensão começa a ser cultivada a partir dos anos 1980, graças à criação de periódicos que incentivaram estudos que explorassem a contabilidade para além da visão tecnicista que predominava na área (Burchell, Club, Hopwood, Hughes, & Nahapiet, 1980; Hopwood, 1987; Miller & Napier, 1993). Naquele contexto, certo consenso acabou se formando de que as práticas contábeis não apenas refletem a realidade que pretendem documentar, mas também contribuem ativamente para a construção dela (ver e.g. Morgan, 1988). Essa forma de enxergar a contabilidade ofereceu oportunidades de pesquisas, uma vez que suas práticas e tecnologias passaram a ser examinadas em relação a diferentes contextos e sob diferentes perspectivas. No entanto, essa pluralidade trouxe desafios para a consolidação de uma identidade para o campo (Ahrens et al. 2008), desafios ainda hoje relevantes, considerando-se um contexto de crescente standardização e conservadorismo da ciência (Alvesson & Gabriel, 2013; Denzin & Giardina, 2006; Mills, 1970). A seguir refletirei sobre como quatro elementos caros à tradição qualitativa em contabilidade sublinham oportunidades e desafios para quem deseja cultivar uma postura interpretativa de pesquisa.

O contexto da contabilidade

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Estudar a contabilidade em contexto visa enriquecer o conhecimento prático, ao propiciar um exame das pré-condições em que determinada prática ou tecnologia contábil molda a ação organizacional ou social (Ahrens & Chapman, 2007; Hopwood, 1987). Ao abraçar aspectos da prática contábil considerados como 'ruídos' (Law, 2004) por perspectivas mais ortodoxas, a pesquisa qualitativa busca confrontar as aspirações racionalistas da contabilidade com o seu uso situado. Aqui o desafio é compreender a contabilidade mais do que um fenômeno reservado à determinada técnica ou profissão, mas como um fazer (o de contabilizar) que visa a produção de esferas de visibilidade, calculabilidade e racionalidade (Vollmer, 2003). Sob essa ótica, um orçamento ou um método de custeio, por exemplo, podem ser vistos como 'campos' em que aspectos culturais, organizacionais, sociais e políticos interagem na configuração de uma realidade organizacional ou nacional (Briers & Chua, 2001; Czarniawska-Joerges & Jacobson, 1989).

A contabilidade, desse modo, imbrica-se na constituição de aspectos econômicos e organizacionais da vida social (Miller & Power, 2013; Power, 2015); e compreender os efeitos sistêmicos desses imbricamentos se torna crucial para a tradição qualitativa. Mas mais do que isso, considerando-se desafios contemporâneos, como a crise climática, crescentes desigualdades sociais e a digitalização de múltiplas esferas da sociedade, pesquisas qualitativas podem ajudar a compreender as intersecções da contabilidade com outras práticas e disciplinas em contextos ainda pouco explorados (Mikes & New, 2023), revelando como a contabilidade relaciona-se com a produção de visibilidades e invisibilidades, de valor e de valores, de produção de riqueza, mas também de desigualdades e formas predatórias de exploração.

A performatividade da contabilidade

Dizer que a contabilidade desempenha um papel ativo na constituição de fenômenos organizacionais e sociais, implica em assumir não apenas que a linguagem age sobre o mundo (Austin, 1975), mas também que as teorias que desenvolvemos têm a capacidade de moldá-lo (MacKenzie, 2006; MacKenzie & Millo, 2003). Algumas pesquisas têm incorporado essa premissa no estudo da contabilidade (Espeland & Sauder, 2007; Jordan, Jørgensen, & Mitterhofer, 2013; Miller & O'Leary, 2007). O desafio, contudo, é captar quando e como as tecnologias de contabilidade performam determinadas realidades. Uma maneira de observar a performatividade da contabilidade é examinar como ela transita e gera efeitos por diferentes esferas sociais, por meio de números (Vollmer, Mennicken, & Preda, 2009), rastros (Power, 2022) ou narrativas (*accounts*). Aqui arranjos materiais podem conectar atores e práticas aparentemente distantes (Klein Jr. & Reilley, 2021), seja por meio de infraestruturas que delimitam formas de agir e pensar, ou por meio de artefatos que carregam a informação contábil, eventualmente transformando-a, juntamente com seus usuários (Monteiro, Pollock, Hanseth, & Williams, 2013; Power, 2015; Reilley & Scheytt, 2017; Star, 1999). Captar a performatividade da contabilidade, no entanto, implica entender que a materialidade das práticas contábeis não produz efeitos *a priori*, mas depende de aprendizagem e da construção

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

da disposição de atores, que passam (ou não) a assumir determinadas tecnologias e “fatos” contábeis como relevantes, úteis e consequentes para a realidade em que atuam.

Reflexividade de atores da contabilidade

Ideias a respeito do contexto e performatividade da contabilidade sugerem que os atores da contabilidade agem com base em algum grau de reflexividade (Schön, 2001). Considerando-se que a pesquisa em contabilidade ainda é dominada por abordagens positivistas e funcionalistas (Pereira et al. 2019) que frequentemente silenciam sobre intencionalidades, afetividades e interações micropolíticas, um desafio, estilístico, mas também metodológico, é como descrever a reflexividade dos sujeitos da contabilidade.

Se por um lado, é importante trazer a ação significativa – a ação dotada de sentido – para o centro da pesquisa qualitativa, por outro lado, cautela é desejável para não transformar atores em agentes super-reflexivos. Tal cautela é importante porque embora intencionalidades e afetividades sejam aspectos centrais para um exame da ação significativa, tal ação é exercida com naturalidade (*taken-for-granted*), de forma apreendida e compartilhada pelos sujeitos da pesquisa.

O esforço interpretativo, nesse caso, envolve encontrar um grau de convergência entre formas nativas de compreensão (perspectiva êmica) e os conceitos utilizados para “ler” determinada realidade (perspectiva ética). Não se trata de descrever com acurácia uma determinada realidade, mas de (re)constituí-la de maneira teoricamente informada, algo que requer iteração continuada entre o esforço de compreensão do campo e o esforço por teorização (Ahrens & Chapman, 2006). Uma vez levada a sério, a questão da reflexividade constitui oportunidades de pesquisa qualitativa, por exemplo, na compreensão de como atores – produtores ou usuários da técnica ou informação – agem reflexivamente quando enredados em relações com atores não-humanos (e.g. inteligência artificial) ou aos aspectos culturais, ideológicos e políticos específicos do contexto.

Teoria(s) da e na contabilidade

Preocupações têm sido levantadas a respeito de uma possível estagnação intelectual da pesquisa qualitativa e interpretativa na contabilidade (Reilley & Löhlein, 2023). Essas preocupações ligam-se às dificuldades em se produzir *insights* teóricos novos quando pressões de dentro da academia parecem incentivar um processo de conformidade e superficialidade (Alvesson & Gabriel, 2013; Gendron, 2008).

Estas inquietações abrem espaço para reflexões sobre a importância em se produzir teorias nativas da contabilidade, uma vez que muitos conceitos e ideias mobilizadas no estudo da contabilidade originam-se de outras áreas (e.g. economia, teoria organizacional, sociologia). É importante ressaltar que não se trata de desconsiderar o conhecimento produzido por outras áreas, mas antes de aplicá-los por meio de vocabulários próprios e originais. Esse processo

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

requer uma dupla transposição, tanto entre áreas disciplinares distintas, como entre contextos culturais diferentes.

Ao desenvolver um vocabulário próprio, ancorado em pesquisas empíricas cuidadosas, pesquisas qualitativas podem contribuir tanto para construção de entendimentos originais da contabilidade, como para o diálogo além das suas fronteiras (Miller, 2000).

Sobre o papel da teoria na contabilidade, algumas vozes têm apontado para a necessidade de a pesquisa qualitativa justificar suas contribuições em termos de contribuição prática (Pimentel, Cho, & Bothello, 2023; Scapens, 2012). Debates acerca da utilidade da teoria, no entanto, emergem vez ou outra em diferentes áreas do conhecimento e, portanto, é necessário cautela sobre o que palavras como “impacto”, “intervenção” e “contribuição prática” podem representar. Isso porque embora esforços por teorização e relevância prática sejam ideais valorizados pela pesquisa social aplicada, é importante ter em mente que a escolha dos arranjos, atores e ações a serem estudados implica em afiliações específicas que determinarão para quem, como e se a pesquisa contribuirá para a prática (Jensen, 2007). Em alguns casos, interesses por contribuições práticas podem colidir com a ‘realidade’ do/as praticantes, marcada por urgências cotidianas e uma baixa sensibilidade para problematizações; em outros casos, tais interesses podem se chocar com escolhas políticas: opções de ação daqueles que detém o poder.

Mais importante para a reflexão aqui apresentada é que pesquisadores e pesquisadoras com inclinações qualitativas e interpretativas não se deixem intimidar por definições paradigmáticas sobre qual papel a teoria ‘deveria’ desempenhar na contabilidade. Não é demais lembrar que a distinção da pesquisa qualitativa reside justamente no cultivo ao pluralismo metodológico e epistemológico, no engajamento prolongado e significativo com os sujeitos da contabilidade, na curiosidade sobre aquilo que é negligenciado e tornado invisível por outras formas pesquisas, e no esforço pela compreensão da História, das histórias e valores entrelaçados a prática da contabilidade.

2.2. Fernanda Filgueiras Sauerbronn – Pesquisa contábil qualitativa enquanto posicionamento político no campo contábil

Oportunidades e os desafios de pesquisas qualitativas é um tema que há algumas décadas me atravessa. Me considero uma pesquisadora crítica e qualitativa desde a graduação em economia (1991-1995) na FEA/UFRJ, corroborada pelas minhas formações interpretativas no mestrado (1999-2001) e decolonial no doutorado (2001-2009) na EBAPE/FGV. Nessa minha trajetória plural, e nada ‘puro-sangue’, foram fundamentais as interações com os professores Carlos Lessa, Fabio Erber, Silvia Vergara, Marcelo Milano Falcão Vieira, Alex Faria, Norman Denzin, e vários outros.

Comparado a outros colegas, “cheguei” na área de contabilidade tardiamente e pelas margens, via PPGCC-UFRJ, em 2011. Desde então, empenho-me em provocar debates por meio de iniciativas de ensino qualitativo e crítico (desde 2014), de organização de números especiais (desde 2017) e de eventos científicos (desde 2015). Frente a essa trajetória, considero a discussão ainda contemporânea e relevante (Carnegie, Parker & Tsaridu, 2021) devido a

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

necessidade de reduzir desigualdades, gerar emancipação, transformação e impactos na sociedade e nas organizações por meio da (contra) contabilidade (Gallhofer, Haslam & Yonekura, 2013; Lehman & Tinker, 1987).

Considero que a discussão sobre o ‘fazer qualitativo’ em contabilidade deve retornar aos problemas filosóficos relativos a reivindicações de superioridade de certas formas de conhecimento, realidade e verdade, sobre outras (Lourenço & Sauerbronn, 2016; Sauerbronn et al, 2021). Esta discussão reconhece o debate político relativo a um campo de conhecimento que é capturado e dominado por certas abordagens epistêmicas e opções metodológicas restritas (Bilhim & Gonçalves, 2022). É sabido que a investigação qualitativa sempre foi um terreno contestado, marcado pela coexistência de diversas abordagens e perspectivas interdisciplinares. O campo da investigação qualitativa ainda se move em diversas direções e, ao mesmo tempo, navegar nesse oceano de possibilidades nunca foi tarefa fácil para iniciantes e até mesmo para pesquisadores mais experientes (Denzin & Lincoln, 2018).

Essa complexidade deve-se ao fato de compreender o método como desdobramento ontoepistêmico assumido pelo pesquisador. É necessário lançar mão de uma ‘imaginação sociológica’ para reconhecer diferentes possibilidades de investigação no tema que lhe mobiliza (Mills, 1959). Cabe ao pesquisador qualitativo reconhecer o debate sobre paradigmas de pesquisa em contabilidade que, desde Burrell e Morgan (1979), vem sendo desenvolvido em contabilidade por Hopper e Powell (1982), Laughlin (1995), Roslender (2013), Lodh e Gaffikin (1997), Ryan (2002), dentre outros. Na visão de Roslender (2013), é a partir do confronto, observação e ampliação das nuances das diferentes abordagens e teorias que emerge uma “série de escolas de pensamento amplamente subscritas na pesquisa contábil interdisciplinar”. Constitui-se, assim, um campo plural internacionalmente devido ao ímpeto de:

Continuar a boa luta pelo respeito mútuo de diversas formas de investigação rigorosa continua a ser essencial e viável para uma sociedade aberta, especialmente quando ideias outrora libertadoras se transformam em camisas de força sufocantes (Chua, 2019, p. 16).

Sair da “camisa de força” do paradigma dominante em contabilidade (Chua, 2019) implica em acessar uma multiplicidade de pressupostos e preocupações no que diz respeito à epistemologia. Ao mesmo tempo, é preciso lidar com o risco de “enquadrar” questões filosóficas e teóricas ou de encapsular as preocupações e ideias sob apenas um rótulo ou conjunto de parâmetros (Laughlin, 1995). Tentei recuperar e incentivar tal debate no Brasil nos artigos: Lourenço e Sauerbronn (2016); e Cintra, Haslam e Sauerbronn (2022). Outros colegas brasileiros também o fizeram (Azevedo et al., 2020; Bilhim & Gonçalves, 2022).

Creio ser uma oportunidade para os pesquisadores do campo, novos ou antigos, esclarecer e melhor situar seus estudos em termos onto-epistêmicos, entendendo o quanto seus interesses de pesquisa assumem um caráter funcionalistas, interpretativos ou críticos. Compreender qualitativamente um fenômeno não é exclusividade de pesquisadores que

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

querem mudar estruturas de dominação, mas também daqueles que querem compreender a realidade em que a contabilidade opera – em termos naturalísticos (Tomkins & Groves, 1983) - e apenas aprimorá-la. Assim, no quadrante epistêmico do funcionalismo situam-se os estudos que entendem que o fenômeno contábil como passível de captura e observação direta, sejam estes na forma de textos escritos, questionários, ou, até mesmo, entrevistas.

Eram muito comuns no Brasil apenas os estudos que alinham as pesquisas qualitativas às abordagens funcionalistas (Pereira et al. 2019; Azevedo et al, 2020). Estes estudos focam em temas dominantes da contabilidade, sem querer desafiá-los ou promover transformação e emancipação (Cintra, Haslam & Sauerbronn, 2022). A partir de levantamento realizado por Pereira et al. (2019), é possível observar que nos 10 primeiros anos do congresso ANPCONT (2003-2013), surpreendentemente, os estudos qualitativos nas áreas de usuários externos e finanças eram respectivamente de 23% e 3%, enquanto na área gerencial eram de 33% e 35% em educação e pesquisa contábil. O levantamento aponta que as áreas de finanças e usuários externos podem se valer de pesquisas documentais e estudos de caso, contrariando a tendência em associá-las exclusivamente aos estudos quantitativos. Já os estudos de caso em contabilidade gerencial confirmam o potencial de compreender o uso de artefatos, modelos e sistemas contábeis nas organizações.

Muitos desses estudos pós-positivistas entendem o “dado qualitativo” como objetivo e passíveis de análise de conteúdo, contagem de palavras e categorias, para análises descritivas ou explicativas; ou, até mesmo a tratamentos por vocabulários computadorizados e tratados posteriormente com pesquisas quantitativas. Portanto, dados coletados por métodos/técnicas qualitativas podem ser conservadores e, ao mesmo tempo, fazerem uma certa parte do campo evoluir com baixa diversidade (Homero Jr, 2017a) e de forma domesticada (Homero Jr, 2017b).

Em contraponto, a pesquisa interpretativa em contabilidade seria capaz de revelar aspectos simbólicos, cultural e socialmente constituídos, cujos significados são acessíveis apenas pela subjetividade das pessoas envolvidas no fenômeno. Para interpretativistas, a preocupação é captar a “compreensão dos atores desde o interior, penetrando e capturando múltiplas realidades construídas (...) uma busca pela complexidade, profundidade, detalhe, riqueza, textura e significado” (Parker, 2008, p. 909).

Também em contraponto, encontram-se aqueles interessados em transformação social [mudança radical] ao invés do reequilíbrio do sistema social [regulação social] (Burrell & Morgan, 1979). Saindo dos estudos qualitativos-funcionalistas e navegar para o outro extremo de um continuum nos leva a compreender a necessária existência dos estudos qualitativos críticos. Contrapondo-se ao funcionalismo, no outro extremo do continuum, o foco está nas preocupações mais provocativas entrelaçadas com o ato de adquirir conhecimento e suas potenciais implicações para os diversos grupos envolvidos no processo crítico e discursivo. Mais do que uma questão técnica, é um esforço emancipador, libertador, criativo e decolonizador de mentes e corpos.

Assim, na pesquisa qualitativa em contabilidade encontra-se espaço para o funcionalismo, o positivismo, o pós-funcionalismo, o pós-positivismo, o pós-estruturalismo, o realismo crítico, o pós-modernismo, o pós-humanismo e os estudos indígenas, culturais e

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

interpretativos, e os estudos de gênero e raça (Modell, 2015; Lehman, 2019; Silva & Casa Nova, 2018; Sauerbronn et al., 2021). Isso demonstra o pluralismo que o campo da investigação qualitativa abraça, bem como seus distintos compromissos, atitudes e motivações. Percebe-se, assim, que pesquisa qualitativa não é um modelo monolítico de ciência e nem tenta reproduzir a ‘camisa de força’ que submete os pesquisadores a adotar teorias ou métodos específicos.

Contudo, os pesquisadores de nosso campo precisam reconhecer com os críticos que é necessário superar a performatividade superficial e estagnada (Gendron, 2008). É preciso abandonar a noção de que a contabilidade é retratada como um serviço de informação passivo e neutro, dedicado a relatar fielmente a realidade econômica. Este lado conservador obscurece aspectos representacionais da contabilidade e o papel que ela desempenha como força simbólica, cultural e hegemônica nas lutas pela distribuição da renda e combate à desigualdade social (Lehman & Tinker, 1987).

Nesse sentido, sigo a visão otimista de Chua (2019) de que o espaço para a pesquisa interpretativa e crítica crescerá. Há espaço para uma melhor compreensão de processos de marginalização e dominação. Essa oportunidade, não tem um significado único, possui vertentes e trajetórias intelectuais fragmentadas (muitas vezes em conflito). Pode implicar em uma mistura de abordagens e abertura metodológica, visando encorajar formas de pensar e intervir que tomem posições contra a hegemonia das instituições estabelecidas e um compromisso com a multivocalidade (Gendron, 2018).

Em termos pessoais, o pesquisador, a pesquisadora, precisará articular um projeto pessoal-intelectual que, por ser engajado, estará sujeito a mudanças à medida que é reflexivamente articulado ao longo de novas experiências. Isso implica em se afastar dos interesses do *establishment* contábil, questionando o dado como certo (*taken for granted*), de forma que, ser crítico signifique “algo” diferente e mais rico do que a “localização de lacunas” (*gap spotting*). Assim, emerge a possibilidade de ir além do instrumentalismo e da teleologia, evitando a confluência entre pesquisas sobre contabilidade e pesquisas para contadores e ‘o mercado’.

A contabilidade está profundamente envolvida em processos que visam definir, circunscrever e regular a subjetividade das pessoas (Gendron, 2018), sendo necessário informá-los sobre como a sua subjetividade está sujeita ao poder, fornecendo-lhes uma plataforma para reduzir a influência das forças subjogadoras na/da mente. Essas forças advêm de instituições, discursos, lógicas ou ideologias influentes, que objetivam marginalizar os outros por meio da formação ou fabricação da mente, por exemplo, tornando as pessoas dóceis e subservientes ao *establishment* (falsa consciência ou violência simbólica). A convocação aqui é no sentido de abraçarmos no campo da pesquisa contábil qualitativa:

uma política de esperança, a práticas de resistência, imaginando o impossível, usando a investigação qualitativa crítica para expor injustiças, resistindo ao impulso de ser silenciado ou agredido, ou de ficar cansado ou desiludido, neutro ou superior aos outros, para combater eras de

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

injustiças e sofrimentos. É uma chamada a recusar-se a abandonar a esperança de justiça social para todos. (Denzin, 2018).

Apesar dos espaços que a pesquisa qualitativa vem obtendo [próprios livros, revistas e conferências], o ressurgimento das guerras científicas será sempre uma ameaça em potencial (Denzin, 2017). Este risco permanece devido a tendências conservadoras do campo contábil e da sociedade em geral (Annisette, Cooper & Gendron, 2017).

Assim, eu advogo que nosso debate deve ser visto como uma pedra angular favorável a assumir uma posição política voltada ao desenvolvimento de investigação qualitativa que seja relevante para uma visão mais ampla acerca de questões públicas e coletivas (Burawoy, 2005). Pesquisadores qualitativos em contabilidade teriam, portanto, a oportunidade de desafiar conhecimentos e práticas naturalizados em busca de transformação e de justiça social para todos a partir de uma agenda local, não-colonizada e não-colonizadora.

2.3. Silvia Pereira de Castro Casa Nova – Reflexões sobre limites, possibilidades e desafios da pesquisa alternativa, interpretativa e crítica, em contabilidade no Brasil: *Quo vadis?*

Começo essa contribuição com uma retomada histórica, assim honrando uma das tradições de pesquisa qualitativa, que é a de contar histórias e, por meio delas de construir significados. Escolho fazer dessa forma para, nesse caminho, honrar a trajetória de algumas pessoas que colaboraram na construção do que se consolida como sendo a pesquisa qualitativa em contabilidade no Brasil. E, com certeza, deixarei de registrar algumas outras contribuições, porque as que constam deste texto reflexivo são aquelas cujas trajetórias cruzaram com a minha e cuja influência permeou o *locus* social onde tenho construído minha carreira profissional na academia em contabilidade.

Dois pontos, então, se tornam importantes de serem ressaltados que são: minha entrada na academia em 1992, no mestrado em contabilidade; e a conclusão do doutorado em 2002, portanto 10 anos depois, ambos com trabalhos em temáticas na época vistas como fora do *mainstream*, mas, ainda assim, pertencentes a uma tradição talvez pós-positivista de pesquisa. Por que retornar a esses pontos? Para enfatizar que minha formação como pesquisadora está permeada por uma ausência de exposição às pesquisas interdisciplinares das tradições interpretativas e críticas. Assim, a caixa de ferramentas da qual eu dispunha para reconstruir a compreensão do mundo e seus possíveis significados estava incompleta.

Outro ponto é que isso com certeza limitou as minhas opções onto-epistemológicas nos meus fazeres e saberes científicos. Limitou também, por algum tempo, a possibilidade das formações que eu poderia organizar, costurar, como professora em contabilidade, como docente. Por outro lado, revela muito do como foi construído o campo científico em contabilidade no Brasil, pois sou egressa do programa pioneiro e, até 2008, o único doutorado em contabilidade no Brasil.

Ou seja, essa limitação no saber-fazer limitou as pessoas doutoras em contabilidade no país até um dado momento histórico e, potencialmente, até depois, porque era esse programa

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

que formava os formadores e formadoras que reproduziam um certo fazer-saber. E, contraditoriamente, foi exatamente nesse mesmo programa, já como professora, ao ser estudante-ouvinte de um professor visitante, que eu tive acesso a outras possibilidades de pesquisa em contabilidade e a outras leituras e literatura contábeis que me permitiram uma virada onto-epistemológica e uma drástica mudança em minha identidade profissional como pesquisadora contábil, porque me permitiram a exposição às tradições críticas e interpretativas de pesquisa em contabilidade.

Isso foi no ano de 2011, quando o programa recebeu como professor visitante para ministrar o curso de Teoria Crítica e Interpretativa em Contabilidade, o professor David Carter, à época um jovem professor doutor, com formações em contabilidade e direito. O professor permaneceu vindo ao Brasil anualmente e oferecendo esse curso de forma concentrada, mas em períodos que se estendiam por meses e que permitiram que ele cobrisse o Brasil quase que de Norte a Sul, de Leste a Oeste, estendendo seu trabalho de (trans)formação para muitos outros lugares no país.

Na USP, ele esteve nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014 e 2016, formando um grupo de 25 pessoas. Dentre essas pessoas, muitas desenvolveram pesquisas qualitativas nas tradições interpretativa e crítica e, por certo, montaram desde o doutorado (ou o mestrado) uma caixa de ferramentas que lhes permite uma outra atuação na formação de outras pessoas.

Mas, voltando ao início desta estória, esse é um ponto de virada para mim, que me permite uma reflexão sobre minha identidade profissional acadêmica, e a construção de um outro saber-fazer, que passa a influenciar todas as minhas atuações, na pesquisa, no ensino e na extensão, que culminam tanto na co-criação do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero, Raça e Sexualidade - Generas, quanto na co-construção da Qualitative Research and Critical Accounting Network - QRCA. Essa nota histórica permite agora posicionar a discussão que me foi “encomendada” para refletir sobre a pesquisa qualitativa, em torno de uma questão orientadora: “Quais são as oportunidades e desafios para pesquisas qualitativas em contabilidade?”

Inicialmente, é preciso que reflitamos do que se constitui como pesquisa qualitativa, e depois, de como ela se (re)constitui ao olhar especificamente para contabilidade. A pesquisa qualitativa tem uma natureza que a (re)definiria no fazer, como um amplo guarda-chuva de tradições onto-epistemo-metodológicas e que me trazem a analogia de um alvo móvel, sempre em ebulição, sempre em efervescência, sempre em mutação, assim como os problemas a que ela se dedica que são, em geral, complexos, indefinidos, naturalísticos, sociais, e envolvidos com uma cadeia de agentes/atores, que vai se descortinando no fazer da pesquisa (Denzin & Lincoln, 1994; Crotty, 1998; Gephart, 2004). É também uma pesquisa que não tem um registro escrito “padronizado” (Van Maanen, 1998), o que torna mais difícil a sua consecução do início ao fim, e que desafia a contagem de palavras limitada da maior parte das revistas acadêmicas, por não poder prescindir de uma atenção diferenciada ao contexto (Gendron, 2019). De toda forma, também lhe traz as características de flexibilidade, intersubjetividade, criatividade, ainda que limitada, de certa forma, por normas sociais (Dai, Free, & Gendron, 2019), que tornam alguns trabalhos qualitativos mais “publicáveis” talvez, que outros.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Igualmente, a pesquisa qualitativa, mesmo nas tradições crítica e interpretativa, ainda está enormemente moldada por um eurocentrismo, que limita e estabelece o que(m) está no centro e o que(m) fica à margem, ou se mantém na “periferia”, havendo então um clamor por “nenhum saber a menos” (Silva, 2019).

Outro desafio da pesquisa qualitativa nas tradições interpretativa e crítica (talvez igualmente na pós-positivista qualitativa) é uma tendência a uma excessiva teorização que, da mesma forma que a tradição positivista “quantitativa”, leva a uma perda de foco no campo e no que ele nos traz, como possibilidades de conhecimento empírico, o que traz o perigo de transformar a possibilidade da polifonia na imposição de uma teorização sobre os saberes empíricos, ou seja, na sobreposição dos saberes acadêmicos, e muitas vezes de alguns deles, sobre os outros saberes, comunitários, sociais, ancestrais, ou mesmo, da prática.

Assim, a tessitura que faria com que a pesquisa qualitativa fosse grávida de possibilidades dialógicas também a faz como uma imposição teórica monológica, de um saber acadêmico “bancário”, e implica em uma perda da esperança, em um desencantamento com a frustração de um “inédito viável” (Freire, 1997).

Finalmente, como um desafio, e quiçá o maior e mais difícil deles, existe também na pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade uma vigilância onto-epistemo-metodológica e temática, que estabelece limites para quem, o quê, como, onde e por que (Silva & Casa Nova, 2018; Gendron & Rodrigue, 2021). Essas “vigilâncias” acontecem mesmo dentro de uma comunidade, limitando as possibilidades de diferentes olhares para si e para as outras comunidades-irmãs, e o diálogo tanto interno quanto externo.

Por isso que temos clamores por uma maior liberdade nos fazeres-saberes acadêmicos, que se constroem em um embate saudável de ideias e de possibilidades, e não no conflito pelo que é e quem pode fazer ciência. Ainda mais ao considerarmos a ciência social aplicada em contabilidade e organizações, que (e)s(t)ão sempre grávidas de possibilidades de aproximações teórico-empíricas, na confluência com outros saberes-fazeres, por ser a contabilidade (e a gestão) uma prática social.

Essa vigilância onto-epistemo-metodológica e temática é ainda maior no Brasil, um país de tradição colonial, em que uma elite exerce um poder estrito sobre os corpos dissidentes, que têm raízes em um cis-hetero-patriarcado colonialista e capitalista. Dessa forma, para além do “o quê” e do “como”, se estende um limite, na pesquisa em contabilidade, sobre o “quem”: são assim poucas as vozes “autorizadas” a se expressar sobre o que é a contabilidade no Brasil, o que produz um outro “apartheid acadêmico” (Gonçalves, 2018) de natureza interseccional (como proposto em diferentes matizes e nuances por Lélia Gonzalez e Patricia Hill-Collins).

A matriz de opressão e as avenidas identitárias que perpassam o campo científico da contabilidade no Brasil são dominados por um forte *habitus*, que determina um processo doloroso de expulsão (York, Oliveira, & Benevides, 2020) onto-epistemo-metodológica e temática de corpos/mentes dissidentes na academia em contabilidade, marcada por um processo de socialização marcadamente sexista (Lima, Casa Nova, & Vendramin, 2023), e adicionalmente, racista, misógino, e transfóbico, o que apoia clamores da existência de um racismo acadêmico (Quintão & Carvalho de Paula, 2021).

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Assim, ao propor (re)conceituarmos a contabilidade, proponho, igualmente, a refundarmos como uma ciência da troca e, portanto, do afeto. As trocas não se limitam às trocas “comerciais”, assim como os valores não se limitam aos “monetários”. Restringir a contabilidade às trocas comerciais de valores monetários é calar a contabilidade praticada por sociedades ancestrais que se fundam em outros modelos de trocas, apoiados em outras estruturas de valores, e aos bolsões de resistência e de cisão que coexistem com o capitalismo, tais como os do cooperativismo e da economia solidária. Porque quando eu troco, eu me afeto e afeto aos outros, com que eu troco. Assim, é na troca que se estabelecem vínculos que se consolidam em valores, representados pelo saber-fazer consubstanciado naquilo que se troca e em como a troca acontece.

Nosso chamamento é, então, para que a contabilidade em sua vertente interpretativista e crítica não se deixe cooptar nos modelos de socialização disciplinadores e repita o projeto que veio a desafiar dentro de sua proposta, perdendo assim seu potencial transformador, transgressor e emancipatório, inclusive das amarras autoimpostas. Movimentos como o de outras formas de expressão na ciência, tributário do “*writing differently*” (veja os escritos de Alison Pullen) ou das escritas feministas, como a escrevivência (como articulada por Conceição Evaristo), são expressões nesse sentido.

Assim, como a possibilidade da publicação de estudos inspirados na arte naïve³, com um foco maior no compartilhamento de evidências vindas do campo, ainda sem a preocupação extensa, e por vezes limitantes, de um nível sufocante de teorização. A teorização vem com o tempo, com a socialização dos achados preliminares, com a maturidade que a interlocução com o campo de forma iterativa construirá no devido tempo. Mas enquanto esse tempo não vem, minha proposta é que compartilhemos a beleza e potência das vozes do campo, praticando um empirismo naïve na pesquisa contábil, que nos leve a reflexões colaborativas porque compartilhadas, por saberes não representados na academia em contabilidade brasileira, como o das comunidades quilombolas, o dos povos nativos brasileiros, o das comunidades periféricas nas grandes cidades, os que vem de um empreendedorismo de sobrevivência, repleto de estratégias de resistência, que tem sido o responsável por um sem número de famílias monoparentais lideradas por mulheres. Essa é a proposta: vamos por aí, explorando e adensando as possibilidades da contabilidade das trocas e dos afetos?

³ Como a de Arthur Villeneuve, um pintor quebequois, de uma história incomum, porque antes de ganhar a fama e reconhecimento, começou sua trajetória pintando as paredes da própria casa, projeto ao qual a esposa tentou impor limites, resguardando pelo menos a cozinha, o que acabou não acontecendo mesmo com a intervenção do líder religioso local. Hoje a sua obra-casa está aberta à visitação na Pulperie de Chicoutimi.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

3. Desafios e oportunidades do campo em que pesquisadores e pesquisadoras qualitativos estão inseridos

Neste bloco temático, os autores e autoras destacam a importância de compreender o ambiente institucional em que pesquisadores e pesquisadoras qualitativos, especialmente brasileiros, estão inseridos. Autores e autoras abordam o impacto de pressões (como internacionalização e neoliberalismo) na academia, instando a romper com as limitações impostas por discursos dominantes e promovendo a criatividade na produção do conhecimento por meio da pesquisa qualitativa. Igualmente refletem sobre a necessidade de abordar questões específicas da realidade brasileira, questionando a predominância do inglês nas publicações acadêmicas (que pode resultar na perda de nuances e da capacidade de expressão em pesquisas locais) e desafiando a hegemonia do conhecimento e o modelo universalista.

3.1. Marcelo Sanches Pagliarussi – Pesquisa interpretativista e internacionalização

Pensar desafios e oportunidades é algo que enfrentamos a cada decisão em um projeto de pesquisa qualitativa em contabilidade. E essas ponderações se manifestam até mesmo em relatos de pesquisa empírica, especialmente na forma de questionamentos a respeito da natureza da realidade e de como podemos investigá-la. Tal atitude questionadora provavelmente se deve pela complexidade dos fenômenos sociais que buscamos entender.

Por pesquisa qualitativa me refiro à investigação que adota um paradigma interpretativista ou construtivista, buscando o entendimento profundo de um fenômeno (Denzin & Lincoln, 2011). Nesse contexto, as escolhas teóricas e metodológicas são orientadas pelo propósito de descrever e interpretar os pontos de vista e significados que sujeitos atribuem às suas experiências com o fenômeno (Creswell & Poth, 2018; Krauss, 2005). Tal propósito nos desafia a alcançar um entendimento multifacetado e rico em detalhes a respeito de algum aspecto da nossa realidade social (Lester, Cho & Lochmiller, 2020).

A pesquisa interpretativista tem ampla aplicabilidade na investigação da contabilidade, pois esta é fonte de um conjunto de práticas sociais milenares, intrinsecamente ligadas a aspectos centrais da humanidade, como a escrita, os números e à linguagem natural (Nobes, 2014; Bassnett, Frandsen & Hoskin, 2018). Mas tais práticas não são as mesmas e nem são realizadas do mesmo modo há tanto tempo, pois são produto de cada contexto social e histórico, o que leva Hayoun (2018) a afirmar que não há uma essência ou substância naturais da contabilidade. Tal visão já foi apresentada por Hopwood (2007 p. 1367):

There were then, there have been in the intervening period, and there are now people who think that they know what accounting – and auditing for that matter – is. How wrong these people are. They are the ones who list the attributes of the status quo,

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

seemingly wanting to confine the new to being within the boundaries of the old. They have no conception that accounting and accounting research have repeatedly changed across time, and when things change, they become what they were not, at least in part.

Essa proposição abre um sem-fim de oportunidades e desafios que podem ser abordados pelas pesquisas interpretativistas. Em virtude da extensão da tarefa, não tenho a pretensão de apresentar uma visão panorâmica dos desafios e oportunidades nessa abordagem de pesquisa em contabilidade. Quero chamar a atenção, no entanto, para uma pressão institucional presente na academia de um modo geral, e com base na existência dela é que lanço questionamentos sobre desafios e oportunidades. Refiro-me ao que se convencionou chamar de internacionalização.

Por internacionalização me refiro à busca, por um pesquisador ou pesquisadora, para se inserir na comunidade acadêmica global em contabilidade. Entendo ser importante ressaltar que tem sido atribuído um valor ao termo, estabelecido quase sempre em relação ao seu contrário. Para além disso, o termo tem sido institucionalizado na forma de indicador de desempenho acadêmico, de modo que sua operacionalização tem influenciado os comportamentos dos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros em diferentes áreas do conhecimento, incluindo a contabilidade. Assim, é razoável assumir que a maioria de pesquisadores brasileiros objetiva, por vontade própria ou por pressão institucional, fazer parte da comunidade acadêmica internacional, participando de congressos, grupos de pesquisa e publicando nos periódicos que são direcionados, em teoria, a uma audiência global.

É importante abrir um parêntese aqui. O termo internacionalização evoca quase que exclusivamente a inserção em comunidades acadêmicas dos países do Norte Global. Em alguns casos esse significado pode ser mais restrito ainda, referindo-se aos países anglo-saxões. Fecho o parêntese.

A busca pela chamada internacionalização impõe a necessidade de nos familiarizarmos e conformarmos aos códigos de conduta dos novos grupos sociais que queremos integrar. Esses códigos, formais e informais, não se restringem apenas ao que chamamos de qualidade ou rigor científico. As nossas escolhas dos problemas de pesquisa e das motivações para investigar, entre outras, precisam fazer sentido nessas comunidades. Se não conseguirmos encaixar nossos problemas de pesquisa em uma discussão contemporânea da literatura produzida no Norte Global, nossos relatos dificilmente serão publicados. Isso limita nossa liberdade de escolha de um modo que pode ser prejudicial à sociedade brasileira, e a outros contextos locais.

O processo de aculturação, por si só, é um grande desafio. Muito esforço e resiliência serão exigidos de quem quer publicar resultados de pesquisa interpretativista nos periódicos de contabilidade do Norte Global, um esforço que vai muito além de adquirir domínio da língua inglesa. A pesquisa interpretativista produzida no Norte Global é caracterizada por um embasamento filosófico substancial na parte da teoria e dos métodos, de modo que é preciso conhecer as diferentes tradições de pensamento para construir combinações compatíveis, no

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

entendimento de avaliadores e avaliadoras de periódicos daqueles países, de fenômenos, problemas de pesquisa, teorias e métodos.

A despeito das dificuldades, sabemos que é possível alcançar sucesso na busca pela internacionalização, se este for definido como ser aceito em alguns grupos acadêmicos do Norte Global, publicar regularmente em seus periódicos, participar de eventos naqueles países etc. Mas existem *trade-offs* nesse processo. A questão que levanto é: ao convergirmos para os ditos padrões internacionais de pesquisa qualitativa em contabilidade, as perdas que incorreremos serão compensadas pelos ganhos?

Trago aqui duas linhas de reflexão anteriormente elaboradas por Gendron (2019) para responder que não. Primeiro, a pesquisa interpretativista em contabilidade requer que o contexto que envolve a prática contábil seja considerado na análise, para que possamos entender e dar sentido à forma e ao conteúdo dessas práticas. Esse aspecto é central para o potencial desse tipo de pesquisa em contribuir para a sociedade. Porém, se submetermos-nos ao *status quo* da pesquisa no Norte Global, é pouco provável que encontremos naquelas comunidades acadêmicas um interesse genuíno na solução de problemas que afligem o Brasil. Além disso, a pressão por conformidade e a barreira do idioma podem fazer com que evitemos até mesmo de citar trabalhos e pesquisas prévias sobre a nossa realidade local. A menos, é claro, que tal conhecimento tenha sido publicado em inglês. Consequentemente, o oferecimento de incentivos à internacionalização provavelmente resultará na diminuição da atratividade de projetos de pesquisa focados em problemas específicos da realidade econômica e sociocultural brasileira, e na diminuição do uso e da citação de referências escritas em português e/ou publicadas em revistas brasileiras em nossas pesquisas.

Outro aspecto crítico da internacionalização elaborado por Gendron (2019) é que a predominância do inglês em nossas publicações também representa, potencialmente, uma perda de diversidade linguística. Isso é especialmente impactante na pesquisa interpretativista, na qual autores e autoras buscam descrever de forma densa e contextualizada os processos de produção de sentido, processos que são intimamente relacionados com a língua nativa dos sujeitos e do próprio pesquisador ou pesquisadora. Questões relacionadas à tradução e representação de termos contábeis em diferentes línguas ainda têm sido pouco investigadas (Evans & Kamla, 2018), mas Evans (2004) argumenta que os falantes de diferentes línguas interpretam os conceitos contábeis de formas diferentes. Ela se baseia nas proposições de Sapir (1949), de que a linguagem e outros padrões culturais codificam a experiência da realidade, de modo que apreendemos a realidade também conforme esses códigos. A questão é que a língua e as normas de conduta são resultado de um processo histórico, e nos são dadas, de modo que se impõem sobre nós ao ponto de se tornarem transparentes, ou seja, não vemos sua atuação codificadora no dia-a-dia. Mas é justamente nessa perspectiva da linguagem como fornecedora de esquemas interpretativos que Sapir (1949) afirma que não existem duas línguas semelhantes a ponto de podermos assumir que elas produzem representações idênticas da realidade social. Ele explica que isso não significa que a realidade é relativa, mas que pessoas de diferentes culturas percebem, selecionam e categorizam a realidade social de formas diferentes. Deste modo, fica claro que a tradução de interpretações dos conceitos contábeis em

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

diferentes línguas pode ser bastante desafiadora, especialmente se elas forem produzidas a partir da contabilidade em uso, pois um leitor distante do contexto cultural brasileiro pode ter dificuldade em entender as interpretações que nós fazemos das práticas contábeis que investigamos. Além disso, mesmo partindo do pressuposto que consigamos alcançar uma elevada competência com a língua inglesa, o abandono do português em nossos relatórios de pesquisa qualitativa pode resultar na perda de nuances que não podem ser reproduzidas perfeitamente naquela língua.

Para concluir, entendo que um importante desafio que enfrentamos é o de impedir a redução da nossa capacidade de expressão, causada pela convergência para o uso do inglês em nossas comunicações. Precisamos lutar para preservar a riqueza que a língua portuguesa nos proporciona para produzir relatos, interpretações e entendimentos sobre as práticas, as tecnologias, os sistemas e as instituições da contabilidade no Brasil. Além disso, precisamos descobrir meios para, nesse contexto de internacionalização da pesquisa qualitativa em contabilidade, avançar o entendimento do nosso próprio *status quo*, produzindo conhecimento que contribua para promover as transformações sociais que são necessárias em nosso país. É necessário não apenas manter, mas aumentar nossa capacidade de produzir conhecimento relevante localmente, e isso requer que coloquemos em primeiro plano os problemas importantes que são específicos do Brasil, mesmo que não se enquadrem nas discussões vigentes nos periódicos do Norte Global.

3.2. Sandra Maria Cerqueira da Silva – Campo de contabilidade no Brasil e abordagens qualitativas – um debate polifônico

Em muitas circunstâncias o ato de produzir conhecimento é um ato solitário. No entanto, do meu lugar social, quando penso no processo de escrita, percebo como uma das oportunidades mais salutares é o processo de desenvolver projetos conjuntamente. As negociações necessárias e mais, a absorção das diferenças, tornam o produto mais rico e condizente com expectativas sociais, além da experiência do convívio. Somos seres relacionais. Nosso estar no mundo é em comunidades. Nessa publicação conjunta, ao utilizar da metodologia do “debate polifônico”, como desenvolvido por Ahrens et al. (2008) e Grossi et al. (2023), nós estamos demonstrando o respeito a diferentes visões de mundo, ainda que haja um entendimento hegemônico de que só haja “uma forma certa de produzir conhecimento”. De forma visionária, estamos caminhando em linha com uma metodologia de construção colaborativa que simula um fórum de discussões, oportunizando dar visibilidade a diferentes pontos de vista de uma temática, sobre a qual há interesse comum.

O Brasil é um dos países mais diversos no mundo. É esperado que esta diversidade apareça na produção acadêmica. No entanto, a hegemonia do fazer ciência aponta para uma única forma certa de elaboração. No caso das pessoas negras e demais grupos ditos “minorias”, as ações do projeto da colonialidade seguem impedindo-as de terem acesso às informações, além de invisibilizar suas produções e saberes, outras possibilidades de ler o

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

mundo, caso estejam em desacordo com o modelo epistemológico universalista, como afirma Silva (2019). A pesquisadora nos adverte: “Se limitar a um único paradigma representa um risco severo à miopia”.

A metodologia do debate polifônico também concorre para potencializar de forma a ampliar possibilidades de apreensão e difusão da ciência no processo de ensino-aprendizagem. Processo que precisa contemplar todas as formas de apreensão de conteúdo, e, depois, de produção do conhecimento. Isto porque cada Ser utiliza um caminho próprio, o qual lhe facilita o acessar e o ofertar de dados e informações. Portanto, observadas as características da linguagem ampla e diversificada resultante das diferenças, o fazer em conjunto reúne as melhores condições para promover transformações sociais, ao acolher a diversidade populacional no Brasil.

Um grande desafio que está posto para a população brasileira, é investigar sobre as forças presentes nos enfrentamentos das relações de poder e injustiças resultantes. São inúmeras as possibilidades de se posicionar e agir de forma reflexiva quanto ao que está no nosso entorno, e sobre esta correlação de forças, em específico. Cada Ser, a partir de suas impressões anteriores, reúne condições de trilhar caminhos que lhe faça mais sentido. Impor uma única ordem, além da possibilidade de causar ‘cegueira’, causa frustração e traumas, na medida em que, uma pessoa pode acreditar ser incapaz, quando o que de fato ocorre é que suas habilidades requerem outras lógicas de funcionamento. É o que ocorre com a imposição do quantitativo, ancorada na falácia da neutralidade. Os valores da agência em pesquisas são, quase sempre, questionados, quando deveriam ser reconhecidos e valorizados. A dicotomia obrigatória *versus* optativa, nos programas de pós-graduação, funciona como mordaza, que bloqueia nossas bases. Assim, potenciais ecléticos permanecem desconhecidos ou pouco explorados.

É imperiosa a necessidade de convocar e subsidiar as pessoas aprendentes a serem críticas. Precisamos extrapolar a lógica do certo e errado (Stoner, 2023). Afinal, a complexidade da vida só poderá ser abraçada diante da ponderação em termos de relatividade. A leitura dicotômica dualista não dá conta da vida. Assim, é necessário estimular as pessoas estudantes e aprendentes a ter confiança em si e ter segurança para realizar experimentações.

É cômodo seguir caminhos conhecidos. Isto porque a ordem geral para que sejamos produtivistas e, mais, os formatos impostos de citação, em especial nos programas de pós-graduação, alimentam ciclos limitantes já existentes. Condição essa que só funciona para grupos específicos, que, de acordo com Silva (2016) se fecham e impedem o acesso de pessoas vistas como “diferentes” e ou são lidas como “indesejáveis”, isso por tentarem fugir da ordem imposta. Leia-se enquanto ‘diferentes’ as pessoas que tentam fugir da noção universalista de pessoas pesquisadoras qualificadas a falar, diante da figura da pessoa “intelectual que não abdica de si mesmo” (Spivak, 2010, p. 122).

A orientação geral é para que as pessoas se detenham no cômodo. No entanto, é necessário avaliar em que termos se dá tal comodidade e a quem interessa ou porque interessa manter as pessoas dentro de limites. A educação não pode se limitar a treinamentos, mas sim a promover e incentivar a ampliação de horizontes em termos do fazer ciência, além de validar

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

condições necessárias ao estabelecimento do sentimento de pertença. É preciso se posicionar e avaliar os caminhos percorridos, bem como, trechos a vencer, de forma reflexiva (Haynes, 2023). O que me parece contemplar de maneira mais efetiva os Seres e as suas angústias de forma integral e inclusiva. É o que deve constar de uma educação que se pretende instrutiva e formativa. É contemplar cidadanias. É pensar a educação como um processo contínuo de experiências. O que implica a possibilidade de posicionar-se de forma significativa. Penso que desta forma é possível pensar em condições de influenciar sobre uma Contabilidade, em termos acadêmicos, que olha para o tecido social.

É preciso parar com as orientações para ver o mundo de forma fragmentada, e ampliar o escopo das lentes de forma sistêmica e em rede, conforme se dá. Teoria e prática não se dão de forma estanque e separada, nem de polos antagônicos, mas acontecem simultaneamente e uma dá suporte à outra. Neste sentido, é relevante e necessário investigar a instrumentalização de dados e como as forças que determinam uma forma 'certa' de produzir são encaminhadas e a quem tais forças se direcionam.

Estamos sempre pensando em boas publicações. Eu penso que a boa publicação é a que responde às demandas da vida cotidiana, as que reúnem condições de promover transformações em termos de qualidade de vida das populações. Boas práticas de ensino devem estar alinhadas com tais propósitos, uma formação humana que contemple todas as humanidades. O que envolve envolver a trilogia pessoas, docência e existência, no processo conjunto da investigação formativa (Patiño-Jacinto et al., 2019).

Pessoas estudantes do ensino superior não chegam à sala de aula esvaziadas, mas transbordando conhecimento, sobretudo autônomo. É deste ponto que docentes seguirão no processo formativo de ensino-aprendizagem. Estes conhecimentos prévios não devem ser desconsiderados, mas aproveitados para somar aos imaginários que ensina – aprende – ensina em movimento cíclico. Neste sentido, a Pesquisa Qualitativa reúne condições de abraçar a diferença e estabelecer vinculações, o que motiva de forma singular a realização de investigações. Ou seja, na medida em que as pessoas conseguem ver suas subjetividades contempladas, o nível de engajamento tende a ser maior e de melhor qualidade. Isto não implica desconsiderar pesquisas quantitativas, mas sim, reconhecer que há formas diferentes de desenvolver culturas investigativas. Também é plenamente possível que sejam estabelecidas zonas de intersecção. O que tende a funcionar melhor com a identificação. Diferente da imposição de uma única forma, que, por vezes, paralisa e limita a leitura de achados de pesquisa.

O mundo experimenta um retorno preocupante de ideias conservadoras ultrapassadas. Estas ideias desencadearam ataques à democracia, a recorrência de casos de violência, discriminação e intolerância por todo o país e no mundo, em lugares com experiências políticas semelhantes. Também na academia, o neoliberalismo dá corpo a estes retrocessos, impondo às pessoas condições limitantes de se colocar no mundo, ao estabelecer barreiras epistemológicas. A perspectiva *mainstream* quantitativa e ou positivista oferece as melhores condições para a manutenção dessa infeliz ordem, que é, por si só, excludente – ao só admitir uma forma 'certa' de produção do conhecimento.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Para Guénin-Paracini, Gendron e Morales (2014), uma das características mais marcantes do neoliberalismo é a sua capacidade regenerativa. As crises econômicas resultam de escolhas advindas do neoliberalismo. Elas precisam ser investigadas, sobretudo pelo impacto desta forma de governar sobre a vida das pessoas, em especial as que estão em condições de vulnerabilidade, bem como, investigar sobre as influências nas formas de pensar e fazer dos indivíduos. Uma questão importante relaciona-se então com a compreensão dos mecanismos através dos quais a governamentalidade neoliberal minimiza os discursos que diferem da noção universalizante de ler o mundo e se tornar “naturalizada” (p. 320).

A abordagem qualitativa possibilita ler nas entrelinhas a persistência das ideias neoliberais que decorre, em parte, da propensão deste modo de governar para promover, processos espontâneos e generalizados de criação de bodes expiatórios, justo em tempos de crises. Em consequência destes processos, as crises são, muitas vezes, interpretadas coletivamente como resultantes de fraudes: a culpa centra-se em atores específicos cuja falta de moralidade é denunciada – embora, por vezes, fique somente em denúncias–, e esta linha de interpretação individualizante protege o regime do questionamento sistêmico.

A necessidade de quantificar tudo nos impõem perder muito, inclusive estes processos de crise, ou seja, onde há, sobretudo, agência humana. Perdemos ao não olhar de forma mais abrangente para os fenômenos que organizam a vida em comunidades. A compreensão destes fenômenos é importante e necessária ao desenvolvimento. E a compreensão se dá quando é possível, depois de acessar dados, estruturá-los em informações significativas. Ademais, o discurso midiático tem realizado um trabalho questionável que reflete e ajuda a difundir canais de superficialização na sociedade. Gendron (2018) vê a superficialização como o processo através do qual a reflexividade (de uma perspectiva individual e/ou coletiva) é gradualmente restringida, reduzida e entorpecida. Por vezes as divulgações não estão inclinadas a questionar a ascendência da formulação de políticas neoliberais estabelecendo domínio nas diferentes circunstâncias as quais se pautam em relações de poder. Atores específicos, e não o próprio sistema, são responsabilizados, em termos acadêmicos quando as coisas não correm conforme os determinantes sociais desenharam. Precisamos reconhecer nuances deste processo.

A pesquisa de Guénin-Paracini, Gendron e Morales (2014) demonstra como a noção de poder se desenvolve na economia. Portanto, em comunicação direta com a Contabilidade. É preciso então investigar sobre o papel da formulação de políticas neoliberais na restrição dos recursos públicos dedicados às populações como um todo.

A universidade, conforme consta do próprio nome, diz da representação do universo, portanto, precisa ser pluralista. O ranqueamento de pesquisas, ao estabelecer zonas obscurantistas, suscita frustrações e congela talentos ao marginalizar temas, ideias e as muitas possibilidades de itinerários formativos. Precisamos estimular pessoas estudantes a ter confiança e esperança em identificar, negociar e construir novos significados, com escritas persuasivas. Ao cercear possibilidades estaremos agindo de forma contrária a estes propósitos.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolocci Espejo.

A Pesquisa Qualitativa proporciona condições para nutrir pesquisas com novas informações que emergem do empírico. Neste sentido, o convite-convocatório é para que a academia não estabeleça barreiras ao florescer das formas abraçantes de fazer ciência.

4. Desafios e oportunidades relacionados ao método qualitativo

Neste bloco temático, autores e autoras se debruçam sobre a complexidade inerente à abordagem qualitativa e sua importância na compreensão de fenômenos sociais. Salientam que as pesquisas qualitativas oferecem maior flexibilidade e a capacidade de interpretar fenômenos complexos de maneira mais próxima da prática, sendo valiosas para o campo da contabilidade, que ainda apresentem uma lacuna entre a pesquisa acadêmica e as necessidades práticas de profissionais. Destacam, ainda, a importância da confiabilidade e da clareza na metodologia, e a necessidade de superar a associação automática da pesquisa qualitativa com entrevistas ao propor a exploração de métodos alternativos para capturar nuances e significados não verbalizados. Por fim, são apresentadas várias questões de pesquisa que podem ser exploradas por meio de abordagens qualitativas na contabilidade, detalhando como diferentes paradigmas podem moldar essas questões.

4.1. André Feliciano Lino – Oportunidades e desafios metodológicos para pesquisas qualitativas em contabilidade

Quais são as oportunidades e desafios para pesquisas qualitativas em contabilidade? Notamos a complexidade desta postura de pesquisa ao perceber que existem diversas maneiras de abordar uma questão que, inicialmente, parece simples de ser respondida. Muitas reflexões podem ser feitas a partir de uma análise do ambiente institucional em que o pesquisador qualitativo está inserido. Outras reflexões podem se relacionar ao pesquisador em si, sua visão de mundo e anseios. Eu opto por refletir a partir do que, no meu entender, dá vida às pesquisas qualitativas: o método, que deve garantir o alcance da principal característica da pesquisa qualitativa que, a meu ver, é a oportunidade de entender fenômenos sociais levando em consideração as experiências vividas pelos indivíduos no seu dia-a-dia, que guiarão o seu comportamento. Dessa forma, o método qualitativo (precisa) possibilita(r) uma análise pormenorizada, detalhada e que exprime a realidade de uma maneira única: através dos olhos, emoções, ações e memórias dos indivíduos que dão sentido e constroem a teia social.

Contudo, no que é reconhecido como a “sociedade das entrevistas”, muitas vezes o método qualitativo é equiparado de forma pouco reflexiva ao uso desta forma de coleta de dados (Atkinson & Silverman, 1997). Apesar de diversas sugestões para aprimorar o uso de entrevistas na análise qualitativa (Silverman, 2016; Perera, 2020; Phillips & Mrowczynski, 2021;

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Scheibelhofer, 2023), novos métodos de pesquisa qualitativa devem ser incorporados pelos pesquisadores (em contabilidade) para capturar a realidade social de forma mais abrangente. Entrevistas não são necessariamente o melhor instrumento para capturar emoções não expressas, aspectos estéticos (como o ambiente que alguém vive), nuances e mudanças de opinião sobre um determinado fato social, entre outras “coisas” que não conseguimos traduzir em palavras. Devemos reconhecer as mudanças nas formas de interação social advindas de tecnologia e no fato de que aspectos verbais e textuais não capturam toda a realidade. A metodologia utilizada em uma pesquisa nunca deve ser uma barreira para o entendimento das questões mais relevantes e que mais inquietam pesquisadores e profissionais da área. E a metodologia qualitativa traz, em essência, a flexibilidade necessária para acessar a realidade social da melhor forma para responder tais questões que inquietam – e que não devem deixar de ser respondidas.

Portanto, para além (ou complementarmente) às entrevistas, largamente utilizadas, transcritas e codificadas por pesquisadores e pesquisadoras da área, sugiro novos métodos que se traduzem em novas possibilidades de entendimento aprofundado dos fenômenos sociais relevantes para a o avanço da contabilidade enquanto ciência social (e não como um mero conjunto de técnicas profissionais). Os métodos a serem discutidos foram selecionados com base na sua perspectiva *multimodal* (ou seja, onde a atenção para construção dos significados e ações dos fenômenos sociais não está apenas na dimensão verbal ou textual), na possibilidade de *co-produção* das pesquisas com participantes (distribuindo, portanto, o poder que usualmente é mantido com o pesquisador durante entrevistas) e considerando a *digitalização* da sociedade e, conseqüentemente, dos métodos qualitativos empregados por pesquisadores na atualidade.

Métodos visuais. O uso de métodos visuais apresenta uma possibilidade real de explorar os benefícios da digitalização e coprodução do ambiente de pesquisa, ao mesmo tempo em que se contempla a multimodalidade do mundo social. Cito aqui o uso de *autophotography* ou *photovoice* (Collier & Collier, 1986; Wang & Burris, 1997), em que grupos e indivíduos (usualmente marginalizados) usam a fotografia para documentar suas experiências de vida, perspectivas e preocupações. Originalmente, neste método os participantes recebem câmeras (mas atualmente, com o advento dos *smartphones*, isso já não é mais necessariamente uma realidade) e são incentivados a tirar fotos de fatos diários, ambientes e questões que lhes são importantes – portanto, coproduzindo os temas chave daquela realidade que não são ditados pelo protocolo de entrevista desenhado pelos pesquisadores. Imagine o caso de contadores relatando suas pressões no ambiente de trabalho, estabelecendo qual o principal conjunto de práticas profissionais após determinada mudança regulatória ou tecnológica, ou ainda *stakeholders* de uma empresa relatando suas percepções sobre as práticas de ESG de determinada empresa – em todos os casos as fotografias podem revelar como o conjunto de práticas e comportamentos no dia a dia são comunicadas e percebidas por diversos indivíduos. Utilizando o primeiro exemplo, para além de buscar narrativas racionalizadas sobre pressões no ambiente de trabalho, essa metodologia pode mostrar ao pesquisador quais as fontes de pressão – por exemplo, apresentações de *slide* sobre *performance* de uma equipe, um aplicativo

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

de mensagens instantâneas que não para mesmo fora das horas de trabalho habituais. A riqueza está em entender, “ao vivo e em cores”, as experiências pessoais únicas e o que molda o entendimento de cada indivíduo sobre pressões no seu dia a dia. Isso nos permite ver pelos olhos (fotográficos) do outro. E faz com que a pesquisa qualitativa esteja mais próxima de seu objetivo: explicar o mundo através das experiências vividas pelos atores que permeiam a teia social. Outro método visual é o *photo-elicitation interviews* (Thomas, 2009) que usa imagens como estímulo durante entrevistas. Os pesquisadores apresentam aos participantes imagens específicas (que também podem ser fotografias tiradas pelos próprios participantes) e as usam como uma forma de iniciar conversas e incentivar os participantes a compartilhar seus pensamentos, sentimentos e experiências relacionadas às imagens. As interações humanas são complexas e muitas vezes envolvem nuances que podem ser difíceis de capturar em uma conversa direta, algo que pode ser facilitado com o uso de fotografias. Por exemplo, ao tentar compreender fatores que afetam a comunicação entre contadores e tomadores de decisão, a organização do ambiente de trabalho pode ser um fator decisivo. Diferentes contadores podem ser confrontados com fotos de diferentes ambientes de trabalho, por exemplo, cubículos, escritórios compartilhados, salas de reuniões formais, reuniões *on-line*, e discutir em quais ambientes eles se sentem mais confortáveis em influenciar os tomadores de decisão e em quais ambientes eles acreditam enfrentam barreiras para comunicar o que é relevante e deve ser incorporado na tomada de decisão.

Diários. O uso de diários solicitados pelo pesquisador também traz os benefícios da coprodução da pesquisa e é suportado pela digitalização da sociedade (Seguin et al. 2022). Nesse tipo de forma de coleta de dados, os indivíduos participantes da pesquisa escrevem um diário com suas percepções sobre o dia a dia, informados pelo objetivo da pesquisa, e com o consentimento de que tudo será lido e analisado por pesquisadores depois de um intervalo de tempo pré acordado. Esse diário, atualmente, pode ser enviado diariamente para os pesquisadores com o uso de WhatsApp, similar à sua aplicação em *focus groups* (Neo et al. 2022), incluindo a possibilidade de envio de áudios para garantir a participação de grupos marginalizados não alfabetizados (O’Reilly et al. 2022). Segundo Meth (2003), a grande vantagem dos diários em relação às entrevistas tradicionais é a possibilidade de construção longitudinal da realidade social enquanto ela é vivida pelo participante, ao contrário das entrevistas que são encontros, em geral, únicos e altamente dependentes da capacidade de memória dos participantes. Por isso, Mueller et al. (2023) discutem que o uso de diários é relevante para entender a natureza social de crises que se desenvolvem ao longo do tempo. Além disso, esse método garante maior liberdade e autonomia aos participantes, que desenvolvem um rico material empírico sem as eventuais restrições impostas por questões de tempo e protocolo que ocorrem nas entrevistas (Filep et al. 2018). Um exemplo de pesquisa em contabilidade utilizando diários, poderia ser a análise da ética nas decisões tomadas por profissionais contábeis no seu dia-a-dia. Com o uso de diários, eventuais dilemas que perpassam diariamente as práticas destes profissionais poderiam ser analisados longitudinalmente, incluindo a normalização de determinadas práticas que poderiam levar à fraude e corrupção. Outra análise pode ser feita com jovens profissionais, recém-contratados,

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolocci Espejo.

em empresas de auditoria ou no setor público – como eles se socializam na profissão pode ser acessado através de diários construídos no seu primeiro ano de trabalho, por exemplo.

Em resumo, a pesquisa qualitativa em contabilidade precisa superar o desafio de se confundir, de forma não reflexiva, ao uso de entrevistas. Muitos outros métodos podem ser utilizados pelos pesquisadores em contabilidade para buscar significados ocultos, que nem sempre serão (re)construídos apenas no momento em que pesquisador e participantes de pesquisa se encontram numa entrevista. Apesar do destaque para os métodos visuais e uso de diários, existem outras múltiplas formas de capturar a realidade social que vão além do que é atualmente estabelecido como prática comum – incluindo o uso de *mixed methods*. Por exemplo, *Q-methodology* ou uso de vinhetas como parte das entrevistas (Watts & Stenner, 2005; Törrönen, 2018; Rihoux, Álamos-Concha, & Lobe, 2021). Cabe aos pesquisadores e às pesquisadoras em contabilidade tentarem ir além do que está estabelecido como regra, e buscarem métodos inovadores para responder a questões cada vez mais relevantes.

4.2. Márcia Bortolocci Espejo - Pesquisas qualitativas: a oportunidade de resgatar a relevância perdida na contabilidade gerencial por meio do pragmatismo

Como uma professora de Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* que emprega seus esforços de pesquisa, ensino e extensão voltados à contabilidade para usuários internos, entendo como pertinente uma reflexão que tem incomodado pesquisadores da área e que encontrou eco na Oficina de Contabilidade Gerencial ocorrida no 23^o USP *International Conference in Accounting*, proferida pelos professores Gustavo Motta (UFF) e José Carlos Tiomatsu Oyadomari (Mackenzie), aos quais sou grata por terem oportunizado esta discussão que materializo neste debate polifônico. Trago aqui algumas das minhas inquietações, corroboradas e compartilhadas por pesquisadores da área presentes no referido debate e em momentos paralelos de discussão.

A comunidade científica, não restrita à área de contabilidade para usuários internos, tem se questionado sobre a relevância do que se produz na academia. Além da busca pelo aumento no número de citações de suas obras, influenciando pesquisas subsequentes (Dunbar & Weber, 2014), o pesquisador contemporâneo precisa saber comunicar os resultados de sua investigação nas redes sociais, de forma que o usuário da informação contábil a compreenda e alcance um público para além das fronteiras universitárias (Wiechetek & Pastuszak, 2022). Adicionalmente, ao realizar pesquisa científica, os componentes de inovação quanto à geração de produtos, processos e patentes são fortemente desejáveis no seu escopo (CNPq, 2022), e a avaliação do impacto social das investigações científicas produzidas nas universidades tem sido pauta constante de órgãos reguladores (Capes, 2019).

Neste contexto, esta pensata está estruturada da seguinte forma: primeiro, tecendo os argumentos pelos quais compreendo que estamos vivendo uma nova espécie de *relevance lost* (Johnson & Kaplan, 1987) da contabilidade gerencial relativa às pesquisas científicas; em seguida, apresentam-se os aspectos essenciais do pragmatismo enquanto fundamento filosófico-epistêmico embasando a pesquisa em contabilidade gerencial e; por último,

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

destacam-se os desafios para a pesquisa qualitativa por meio do pragmatismo em ser a resposta ao resgate da relevância perdida.

A tese de Johnson & Kaplan (1987) da chamada relevância perdida da contabilidade gerencial apontou alguns argumentos pelos quais, à época, a contabilidade gerencial havia perdido a relevância. Dentre os argumentos apontados, ressalta-se como pauta da presente discussão o distanciamento entre o que se pesquisa (acadêmicos) do que de fato é aplicado pelos *practitioners*. Ou seja, havia pouca participação dos acadêmicos no desenvolvimento de pesquisas aplicadas à realidade organizacional, e escassa divulgação por parte dos profissionais do que estava sendo efetivo para tomada de decisão, provocando um abismo entre o que se pesquisa/divulga/ensina e o que se pratica.

Esta lacuna se torna mais latente, pois enquanto ciência social aplicada, a contabilidade tem demandas decorrentes das transformações sociais (Courpasson, 2013). Especificamente quanto à contabilidade voltada para a tomada de decisão de usuários internos, as mudanças se materializaram nas alterações de práticas de contabilidade gerencial mapeadas em estágios evolutivos que respondiam às necessidades informacionais do gestor em cada período histórico (Abdel-kader & Luther, 2006) e, com a realidade postulando por ações com características mais inovadoras, como é o caso de *startups*, novos artefatos surgiram e outros foram substituídos, em conformidade com a dinâmica organizacional (Meyssonnier, 2015).

Neste processo de investigação da realidade social em estudos organizacionais, as *hard sciences* induzem a preferência pela utilização de métodos ditos “mais rigorosos”, com a aplicação de fundamentos estatísticos para respaldar os achados na busca pela generalização dos resultados, cuja opção está respaldada, muitas vezes, no potencial competitivo do *paper* para publicação nos *journals* (Moizer, 2009). São pesquisas fundamentadas, em essência, em dados primários coletados de forma anônima em *surveys*, e analisadas sob um aparato teórico robusto comumente focado em uma determinada lente teórica. Tal recorte viabiliza a realização da pesquisa, ao mesmo tempo que limita a análise do fenômeno organizacional multiparadigmático (Courpasson, 2013).

Nesse aspecto, ainda, paira uma necessidade de reflexão sobre o método adotado. A coleta de dados primários de forma anônima pressupõe um respondente que possui plenas condições de retratar a situação da organização naquela vertente. Por exemplo, pesquisas com *controllers* como público-alvo, constantemente são direcionadas a empresas que podem ter como respondentes pessoas que não tenham condições de responder a um questionário que reflita, com fidedignidade, a realidade organizacional investigada. Além de serem cada vez mais difíceis de operacionalizar de forma que a amostra seja, de fato, representativa do ponto de vista teórico do que se pretende captar.

Adiciona-se ao fato de que a ênfase em métodos quantitativos, na busca por padrões e forças de relações entre variáveis/construtos, gera conclusões que muitas vezes são pouco aplicáveis e compreensíveis no campo prático. *Outliers* são descartados, em vez de serem vistos como oportunidades de pesquisa em determinados contextos. Como resultado deste processo, a comunidade acadêmica da área gerencial tende a se manter internamente focada e autorreferenciada (Hopwood, 2007), fechada e em um processo retroalimentado por si mesma.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Os argumentos evidenciados são terreno fértil para que o pragmatismo, materializado por pesquisas qualitativas voltadas à solução de problemas práticos, constitua uma vertente filosófica-epistêmica de pesquisa na área de contabilidade gerencial fortemente embasada no impacto. O pragmatismo rejeita a abordagem filosófica metafísica e centra-se nos aspectos práticos da realidade como diretriz para a geração do conhecimento. Concentra três características particulares: “primeiro, um compromisso com o processo e a emergência; segundo, uma abordagem naturalística e experimental do conhecimento e, terceiro, a consciência que os significados das ações tomadas no presente estão em suas consequências futuras antecipadas” (Simpson & den Hond, 2022, p. 131).

Estudos qualitativos fundamentados no pragmatismo preocupam-se em empregar o raciocínio abduutivo, descrever e enfatizar o contexto pesquisado, bem como o processo que está sendo investigado, além de evidenciar a realidade considerando o “olhar” das pessoas que estão sendo investigadas (Bryman, 2016). Raciocínio abduutivo trata-se da maneira lógica de gerar hipóteses por meio de uma explicação racional, apropriado para um contexto de ambiguidades, iniciando-se “com uma observação, em seguida envolve uma regra já existente e na sequência propõe uma hipótese explicativa que caracteriza a observação como uma consequência daquela regra” (Mendonça, Oyadomari & Lima, 2022, p. 39). Tal raciocínio é empregado também no contexto da educação contábil, por meio da abordagem do *Problem-based learning*, em que os estudantes buscam resolver problemas práticos diante da formulação de hipóteses (Martins, Espejo & Frezatti, 2015).

O raciocínio abduutivo é baseado em evidências provenientes de várias fontes como científicas (de artigos publicados), organizacionais (dados e fatos coletados da empresa), experienciais (decorrentes da experiência e julgamento dos profissionais) e dos *stakeholders* (Barends, Rousseau & Briner, 2014). Este processo é apreendido por meio de uma formulação de pergunta de pesquisa aderente ao problema vivenciado; aquisição de evidências; avaliação e julgamento crítico da relevância das evidências; incorporação das evidências e aplicação no processo de tomada de decisão; e, por fim, avaliação do resultado da tomada de decisão, possibilitando um aumento de probabilidade de resultado favorável subsequente.

Destaca-se que uma das maiores críticas aplicadas a um estudo de cunho qualitativo, e consequentemente apropriado às pesquisas amparadas pelo pragmatismo, é sua restrita capacidade de generalização e seu emprego a um contexto particular. Neste sentido, importante se faz enfatizar que, seja para testar uma teoria preexistente ou criar uma teoria que emergja dos dados por meio de *grounded theory*, a pesquisa qualitativa possui critérios de confiabilidade externa, confiabilidade interna e validade externa, além do foco na relevância, ou seja, conhecer as preocupações dos praticantes (Bryman, 2016). Dadas estas considerações, a capacidade de aplicabilidade das conclusões de um estudo qualitativo em contextos semelhantes é proporcionada pelas ricas, densas e bem fundamentadas descrições da conjuntura e organizações em estudo, denominada generalização naturalística (Godoy, 2005).

Alguns desafios são postos para que o pragmatismo seja aplicado nas pesquisas em contabilidade gerencial como um resgate de sua relevância. Apesar da necessidade evidente de aproximação das pesquisas em Programas de Pós-graduação na modalidade acadêmica da

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

realidade profissional, destacada pela métrica avaliativa de impacto social, há *gaps* ainda a serem preenchidos como (i) uma maior aproximação da academia e do setor produtivo, sendo um canal de transformação da realidade social; (ii) maior aceitabilidade de revistas científicas na publicação de artigos científicos provenientes desta abordagem; (iii) definição da mensuração do impacto social, qual seja uma carta de uma empresa evidenciando melhoria em sua eficiência em função da resolução de um problema, ou uma alteração de política pública, por exemplo; (iv) aproximação entre “o intelectual” e “o praticante”, evidenciando que explicações teóricas robustas e intervenções sociais relevantes podem andar de mãos dadas (Wickert et al., 2020).

Nesta linha argumentativa, conclui-se que o uso do pragmatismo como filosofia da ciência reforçando o desenvolvimento de pesquisas de cunho qualitativo em contabilidade gerencial representa a oportunidade do resgate da relevância perdida das pesquisas na área. Tal norteamento visa suplantar tentativas reducionistas para explicar fenômenos complexos como os das ciências sociais aplicadas; minimiza a dicotomia teoria-prática em estudos organizacionais e significa uma estreita aproximação entre campo de pesquisa e sujeito da pesquisa, de forma a possibilitar avanços significativos em termos de impacto das investigações concretizadas em ambientes socialmente construídos.

4.3. Ricardo Rocha de Azevedo – Pontos de atenção e tipos de perguntas para as pesquisas qualitativas

O desenvolvimento e publicação de pesquisas qualitativas devem ser incentivadas, não porque essa seria uma forma “melhor” ou mais “robusta” de construção do conhecimento, mas sim, porque suas potencialidades são diferentes das pesquisas positivistas, e podem atuar de forma complementar (Power & Gendron, 2015). As pesquisas qualitativas são caracterizadas pela sua maior flexibilidade e habilidade de permitir interpretar fenômenos complexos, mantendo ligação direta com a prática. Mais do que uma dicotomia entre pesquisas qualitativas *versus* quantitativas, ou entre abordagens indutivas *versus* dedutivas, essas representam uma oportunidade de complementaridade.

Os desafios da pesquisa qualitativa não podem ser desconsiderados, e o tempo necessário para que as análises atinjam maturidade pode ser desafiador, sobretudo para pesquisadores e pesquisadoras iniciantes (Power & Gendron, 2015). Entretanto, pesquisadores devem se organizar e inspirar-se para atingir o ‘momento eureka’ (Simovska et al. 2017) ou ‘momento Shazzam’ (Gioia et al. 2013), que é aquele em que as ideias e informações disponíveis repentinamente fazem sentido, novos significados emergem, e a pesquisa parece avançar. As dicas de Nowell e Albrecht (2018) escritas para um “consumidor de pesquisa qualitativa” e as discussões de Power e Gendron (2015) podem ser úteis e um ótimo ponto de partida para entender as etapas necessárias e se inspirar – “por onde podemos começar?”.

É sempre importante lembrar que não existe um *template* para as pesquisas qualitativas, sobretudo as que assumem uma abordagem indutiva (Gioia, Corley & Hamilton, 2013; Power

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

& Gendron, 2015). Embora alguns métodos de análise tenham se tornado amplamente conhecidos e difundidos, como o método de Eisenhardt (Eisenhardt, 1989, 2022) e o método de Gioia (Gioia, Corley & Hamilton, 2013), tratá-los como uma fórmula metodológica que se aplicaria a qualquer análise é preocupante (Eisenhardt, Graebner & Sonenshein, 2016). Mais do que uma fraqueza, essa é uma das grandes vantagens das pesquisas qualitativas, por permitir às pesquisas estarem abertas à inovação e ao inesperado.

Apesar de não existir uma receita de bolo, considerando a oportunidade da presente publicação, procuro contribuir respondendo duas questões gerais que visam guiar o desenvolvimento das discussões: (i) “quais são os pontos de atenção para aumentar a qualidade das pesquisas qualitativas?”, e (ii) “que tipos de perguntas as pesquisas qualitativas podem ajudar a responder na área de contabilidade?”.

Quais são os pontos de atenção para aumentar a qualidade das pesquisas qualitativas?

Apesar das respostas a esse questionamento não serem simples, essa temática tem sido tratada de forma recorrente pela literatura (Malsch & Salterio, 2016; Power & Gendron, 2015; Nowell & Albrecht, 2018; Gioia et al. 2022; Steccolini, 2022). Não tornando-se repetitivo com os pontos de atenção já muito bem tratados pela literatura citada, posso arriscar algumas contribuições adicionais. Essas são baseadas tanto na experiência pessoal no desenvolvimento de pesquisas qualitativas, quanto em discussões no grupo de pesquisa PSAG (*Public Sector Accounting & Governance in Brazil*), cujas discussões metodológicas sobre pesquisas qualitativas têm ocupado papel central.

Primeiro, a condução de pesquisas com abordagens qualitativas requer grande imersão no fenômeno observado, em suas diferentes formas de coleta e análise dos dados. Dessa forma, a sugestão é não ingressar em pesquisas sobre temas que não exista “paixão” e curiosidade (Power & Gendron, 2018) para que ocorra o aprofundamento.

Segundo, não se deve subestimar a importância e o tempo necessário para alcançar uma boa qualidade de escrita. Essa etapa requererá muita atenção, e sobretudo, uma busca por uma comunicação focada no leitor, procurando “escrever diferente” das publicações acadêmicas tradicionais (Pagliarussi, 2022), fugindo do modo “*academic speak*” (Golden-Biddle & Locke, 2007), procurando escrever “para humanos” (Badley, 2019). A narrativa utilizada na escrita da pesquisa é fundamental para sermos entendidos nas publicações. O foco deve ser na construção de um “enredo teorizado” (Golden-Biddle & Locke, 2007), que seja compreensível, e ao mesmo tempo persuasivo (Jonsen, Fendt & Point, 2018).

Terceiro, pesquisadores não devem se limitar a “descrever” os resultados e achados. Ao invés disso, deve buscar explicações, sobretudo apresentando respostas do tipo “por que” e “como” o fenômeno ocorre (Nowell & Albrecht, 2018). Diferente de pesquisas que partem de hipóteses declaradas nas quais dificilmente surgem surpresas, deve-se manter a mente aberta

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

ao inesperado. Afinal, em uma pesquisa hipotético-dedutiva, o controle da condução da pesquisa é unicamente atribuído ao(à) pesquisador(a). Ao contrário, em pesquisas qualitativas, sobretudo nas abordagens indutivas, o conhecimento é co-construído entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa, que devem ser tratados como os detentores do conhecimento que queremos acessar e analisar, e não como sujeitos passivos na pesquisa (Gioia et al. 2022), ou como “dados que conversam com o pesquisador”. Porém, apenas seremos surpreendidos caso seja mantida uma mente aberta para isso, afinal, escutar é diferente de ouvir. Deve-se ficar abertos ao “inesperado”, e a pesquisa não precisa ser determinista (Eisenhardt, Graebner & Sonenshein, 2016).

Quarto, uma questão relevante é como obter qualidade nas pesquisas qualitativas, ou como obter *trustworthiness*. Assim como são exigidos testes de robustez nas pesquisas quantitativas com seus testes e modelagens padronizados, as pesquisas qualitativas devem adotar e apresentar critérios de *trustworthiness* (Tracy, 2010; Gioia, Corley & Hamilton, 2013; Malsch & Salterio, 2016; Nowell & Albrecht, 2018). Dentre os elementos centrais, pode-se mencionar a profundidade na coleta dos dados, qualidade da seleção teórica de participantes, e qualidade das evidências como fonte de sustentação dos argumentos, como as *quotations* e demais evidências utilizadas nas pesquisas. O *trustworthiness* passa também pela clareza na apresentação da seção de metodologia, indicando todos os passos e escolhas utilizados, tanto na coleta, quanto nas análises (Gioia et al. 2022). Por exemplo, é comum encontrarmos pesquisas que mencionam como método a análise de conteúdo, informando apenas “foi realizada uma análise de conteúdo”, citando Bardin (1977) ou alguma publicação posterior da autora, sem apresentar nenhum detalhe adicional, como discutido por Sampaio et al. (2022). Por essa lógica, basta citar Bardin, que deve ser uma das referências mais citadas e menos lidas da academia.

Quinto, ao contrário de uma pesquisa positivista tradicional em que se deve assumir *ex-ante* uma lente teórica, estabelecer hipóteses e testá-las, as pesquisas qualitativas não seguem uma lógica hipotético-dedutiva de construção do conhecimento. Ao contrário, a lente teórica, apesar de útil no início das análises, não precisa limitá-las, e o foco deve ser no fenômeno observado, sobretudo em uma pesquisa desenvolvida pela lógica de *grounded theory*, em uma abordagem abductiva (Thornberg & Charmaz, 2014).

Por fim, indo além de compreender e aplicar os pontos de atenção aqui listados, que podem contribuir para uma maior qualidade nas pesquisas qualitativas, é necessário ter atenção especial para o tipo de pergunta que irá guiar as pesquisas qualitativas. Com isso, busca-se manter a coerência teórica e paradigmática, aproveitando melhor o potencial desse tipo de pesquisa. A pergunta é relevante, pois existe uma tendência de só encontrarmos o que estamos procurando. Esse tema é desenvolvido a seguir.

Tipos de perguntas para as pesquisas qualitativas em contabilidade

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Um desafio aos(as) pesquisadores(as) é propor questões apropriadas para pesquisas qualitativas, tanto para utilizar o potencial desse tipo de abordagem, quanto para manter o *fit* entre o paradigma assumido, a lente teórica e a questão de pesquisa (Gehman et al. 2018). Aqui não desenvolvo propostas de temas de pesquisas na área contábil, que podem ser buscados tanto em *Call for Papers* de revistas e congressos, quanto em publicações com esse objetivo, como Zengul et al. (2021). Através de uma lista não exaustiva, busco contribuir com algumas reflexões sugerindo reflexões de questões a partir de temas comuns para a área contábil, indicando contextos em que pesquisas qualitativas podem fazer a diferença, mantendo uma coerência com o paradigma assumido.

Tomando-se como exemplo o seguinte contexto: “efetividade do conselho de administração de uma empresa”, pode-se propor diferentes abordagens para diferentes paradigmas. Uma pesquisa positivista tradicional poderia tentar responder: “*quais* fatores contribuem (ou são determinantes) para a efetividade do conselho de administração?” Já uma pesquisa qualitativa interpretativista poderia questionar: “*como* os membros do conselho entendem que eles são efetivos?” Por fim, uma abordagem crítica poderia questionar: “como os discursos por trás da efetividade do conselho ajudam a manter a marginalizar de grupos na economia?”

Partindo-se de outro exemplo de contexto: “adoção de normas contábeis IFRS em empresas brasileiras”. Uma pesquisa positivista poderia buscar analisar “quais os impactos da adoção das IFRS no *disclosure* da informação contábil”. Uma pesquisa interpretativista poderia investigar “em que situações (*como*) os contadores de empresas efetivamente utilizam as informações contábeis após a adoção da padronização pelas normas IFRS”. Uma abordagem crítica poderia questionar: “Como atores que atuam como *gatekeepers* têm conduzido de forma intencional e se beneficiado da adoção das IFRS?”

Um tema comum pesquisado pelas pesquisas na área contábil é o gerenciamento de resultados. Pesquisas positivistas podem estar interessadas em analisar: “quais os efeitos do gerenciamento de resultados nas empresas de capital aberto?” ou “quais os determinantes de gerenciamento de resultados?” No mesmo tema, pesquisas qualitativas interpretativistas podem buscar analisar: “como contadores e contadoras entendem o significado de gerenciamento de resultados?” Por fim, pesquisas críticas poderiam questionar: “Como o discurso de gerenciamento de resultados tem contribuído para legitimar práticas que mantêm a desigualdade social?”

Por fim, outro tema comum e atual na área é o que discute “governança ambiental, social e corporativa”, ou ESG. Pesquisas positivistas podem analisar “quais os impactos de divulgação de práticas ESG no valor da empresa”. Pesquisas qualitativas interpretativistas podem ter como interesse analisar “utilização de práticas ESG para construção de legitimação social pelas organizações”. Por fim, pesquisas críticas poderiam questionar sobre a “Utilização das informações contábeis como mecanismo de legitimação de políticas ESG apenas como discurso”.

Em resumo, diferentes questões de pesquisa podem ser propostas a partir dos diferentes paradigmas assumidos. Como discutido por Power e Gendron (2015, p.153) “boas

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

pesquisas, independentemente do método, visam compreender melhor a realidade”. Ao invés de buscar generalização dos resultados, as pesquisas qualitativas devem buscar profundidade e transferibilidade (Guba, 1981; Rapley, 2013), explorando melhor a complexidade do comportamento humano ou organizacional nos fenômenos em análise.

Pesquisas positivistas também podem realizar análises de fenômenos complexos tais como comportamento do contador e da contadora ou ceticismo profissional. Porém, essas tendem a analisar esses fenômenos por meio da análise dos efeitos de variáveis independentes nas variáveis dependentes, que podem ser analisados apenas dentro dos pressupostos assumidos, em torno de uma média. Por sua vez, pesquisas qualitativas não precisam necessariamente manter a busca por regularidade ou variação dos resultados coletados para modelagem estatística. Ao contrário, partindo-se da premissa que o mundo é socialmente construído, deve-se refletir que “a subjetividade é um recurso, mais do que uma imperfeição” (Power & Gendron, 2015, p. 156), e realizar pesquisas que realmente importam para a área contábil e para a sociedade.

5. Considerações finais

As discussões apresentadas pelos autores e autoras podem fornecer reflexões contemporâneas e instigadoras das múltiplas facetas da contabilidade em pesquisas qualitativas. Apesar de não ter sido necessariamente um objetivo inicial estabelecer a curadoria de uma literatura útil para as pesquisas qualitativas, a literatura aqui apresentada mostra-se relevante e um ótimo ponto de partida, por permitir posterior aprofundamento nos temas tratados.

Os desafios e oportunidades na pesquisa qualitativa em contabilidade passam por diferentes níveis e ângulos de análise, seja do entendimento de pressões como o neoliberalismo e a busca por internacionalização (muitas vezes com baixo senso crítico), pressões do campo de contabilidade (estruturado de forma patriarcal e com *path dependence* no Brasil) como a vigilância de temáticas e abordagens, busca por relevância social (e local) que passa por cada pesquisador(a) se entender enquanto ser-político, e adequações ao método em si.

Alguns pontos em comum podem ser destacados. Todos os autores e autoras acabaram tratando questões de poder, inclusividade ou diminuição de marginalização no campo, necessidade de relevância social (sem perda de rigor metodológico/teórico) e relevância local – no sentido de também se propor a fugir das armadilhas que os incentivos acadêmicos nos impõem. Mesmo sem uma combinação prévia, apenas com uma questão geral direcionadora, as reflexões apresentadas indicam a existência de considerável congruência em tudo que foi proposto.

O objetivo do presente debate polifônico não é apresentar uma discussão encerrada, mas sim iniciar a discussão. Como colocado por Ahrens e colegas (2008), o debate precisa continuar em pontos específicos a partir de uma publicação desse tipo. Assim, futuras reflexões podem explorar e aprofundar elementos específicos aqui discutidos, auxiliando assim na construção de uma massa crítica sobre o que a área de contabilidade está produzindo e como essa pode se beneficiar das pesquisas qualitativas.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

Referências

- Abdel-Kader, M. and Luther, R. (2006), "IFAC's Conception of the Evolution of Management Accounting: A Research Note", Epstein, M.J. and Lee, J.Y. (Ed.) *Advances in Management Accounting*, vol. 15, Emerald Group Publishing Limited, Bingley, pp. 229-247.
- Ahrens, T., & Chapman, C. S. (2006). Doing qualitative field research in management accounting: Positioning data to contribute to theory. *Accounting, Organizations and Society*, 31, 819-841. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2006.03.007>
- Ahrens, T., & Chapman, C. S. (2007). Management accounting as practice. *Accounting, Organizations and Society*, 32(1-2), 1-27. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2006.09.013>
- Ahrens, T., Becker, A., Burns, J., Chapman, C. S., Granlund, M., Habersam, M., Hansen, A., Khalifa, R., Malmi, T., Mennicken, A., Mikes, A., Panozzo, F., Piber, M., Quattrone, P., & Scheytt, T. (2008). The future of interpretive accounting research—A polyphonic debate. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(6), 840–866. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2006.07.005>
- Alvesson, M., & Gabriel, Y. (2013). Beyond formulaic research: In praise of greater diversity in organizational research and publications. *Academy of Management Learning & Education*, 12(2), 245-263. <https://www.jstor.org/stable/43696557>
- Annisette, M., Cooper, C., & Gendron, Y. (2017). After 25 years, how should we proceed? *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 1–4. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.02.003>
- Atkinson, P., & Silverman, D. (1997) Kundera's Immortality: the interview society and the invention of the self. *Qualitative Inquiry*, 3(3), 304–325. <https://doi.org/10.1177/107780049700300304>
- Austin, J. L. (1975). *How to do things with words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*. Oxford: Oxford University Press.
- Azevedo, S. U., Barbosa, J. S., Consoni, S., & Espejo, M. M. S. B. (2020). Ontological posture of research in management accounting. *Brazilian Journal of Business*, 2(3), 2927-2947. <https://doi.org/10.34140/bjbv2n3-071>
- Badley, G. F. (2019). Post-Academic Writing: Human Writing for Human Readers. *Qualitative Inquiry*, 25(2), 180–191. <https://doi.org/10.1177/1077800417736334>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 229 p.
- Barends, E., Rousseau, D. M., & Briner, R. B. (2014). Evidence-based management: The basic principles. Centre for Evidence Based Management. Disponível em: <https://www.cebma.org/wp-content/uploads/Evidence-Based-Practice-The-Basic-Principles.pdf> (acesso em fevereiro/ 2020).

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Bartoluzzio, A. I. S. de S., Cruz, C. F. da, Dias, L. N. da S., Diniz, J. A., & Sauerbronn, F. F. (2023). Um Debate Polifônico sobre o Orçamento Público “Moderno” no Brasil e suas Implicações para a Contabilidade. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 001–030. <https://doi.org/10.14392/asaa.2022160101>
- Bassnett, S., Frandsen, A. C., & Hoskin, K. (2018). The unspeakable truth of accounting: On the genesis and consequences of the first “non-glottographic” statement form. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 31(7), 2083–2107. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-08-2017-3099>
- Bilhim, J. A. de F., & Gonçalves, A. de O. (2022). Abordagens Epistemológicas e Pluralismo na Pesquisa em Contabilidade: para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 59–75. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VVIIN1/pp.59-75>
- Briers, M., & Chua, W. F. (2001). The role of actor networks and boundary objects in management accounting change: A field study of an implementation of activity-based costing. *Accounting, Organizations and Society*, 26(3), 237–269.
- Bryman, A. (2016). *Social research methods*. Oxford university press.
- Burawoy, M. (2005). For Public Sociology. *American Sociological Review*, 70: 4–28. <https://doi.org/10.1177/000312240507000102>
- Burchell, S., Club, C., Hopwood, A., Hughes, J., & Nahapiet, J. (1980). The roles of accounting in organizations and society. *Accounting, Organization and Society*, 5(1), 5–27.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis: Elements of the sociology of corporate life* (1 ed.). London: Heinemann Educational Books.
- Capes. (2019). Ficha de Avaliação – Relatório de Grupo de Trabalho. <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-fichaavaliacao-pdf>.
- Carnegie, G., Parker, L., & Tsaridu, E. (2021). It’s 2020: What is Accounting Today? *Australian Accounting Review*, 96 (31),65–73. <https://doi.org/10.1111/auar.12325>
- Chua, W. F. (2019). Radical Developments in Accounting Thought? Reflections on Positivism, the Impact of Rankings and Research Diversity. *Behavioral Research in Accounting*, 31(1), 3–20. <https://doi.org/10.2308/bria-52377>
- Cintra, Y. C., Haslam, J., & Sauerbronn, F. F. (2022). Developing Appreciation of Emancipatory Accounting through Empirical Research: Issues of Method. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(1), e210009. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210009.en>
- CNPq. (2022). Mapa estratégico. https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/planejamento-e-governanca/2022_07_21-mapa-estrategico-final-homologado-por-coest-e-ifenasbac_vf.pdf

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Collier, J. J., & Collier, M. (1986). *Visual anthropology: Photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Courpasson, D. (2013). On the erosion of 'passionate scholarship'. *Organization Studies*, 34(9), 1243-1249.
- Creswell, J., & Poth, C. (2018). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (4th ed). Sage.
- Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: meaning and perspective in the research process*. Crowns Nest, NSW: Allen & Unwin
- Czarniawska-Joerges, B., & Jacobson, B. (1989). Budgeted in a cold climate. *Accounting, Organization and Society*, 14(1/2), 29-39.
- Dai, N. T., Free, C., & Gendron, Y. (2019). Interview-based research in accounting 2000–2014: Informal norms, translation and vibrancy. *Management Accounting Research*, 42, 26–38. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2018.06.002>
- Denzin, N., & Lincoln, Y.S. (1994). Introduction: Entering the field of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. W. Lincoln (Eds), *Handbook of qualitative research: (4th ed.)*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2011). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research (4th ed.)*. Sage.
- Denzin, N. (2017). Investigação Qualitativa Crítica. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 13(1), 105-119. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178
- Denzin, N. (2018). Presidential Address. In: International Congress of Qualitative Inquiry – opening speech. Illinois: Urbana-Champaign. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CvxT5trP3W->> . Acesso em 31 out 2023.
- Denzin, N. K., & Giardina, M. D. (2006). *Qualitative inquiry and the conservative challenge*. Walnut Creek: Coast Press.
- Dunbar, A. E., & Weber, D. P. (2014). What influences accounting research? A citations-based analysis. *Issues in Accounting Education*, 29(1), 1-60.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532–550. <https://doi.org/10.5465/amr.1989.4308385>
- Eisenhardt, K. M., Graebner, M. E., & Sonenshein, S. (2016). Grand Challenges and Inductive Methods: Rigor without Rigor Mortis. *Academy of Management Journal*, 59(4), 1113–1123. <https://doi.org/10.5465/amj.2016.4004>
- Eisenhardt, K. M. (2021). What is the Eisenhardt Method, really? *Strategic Organization*, 19(1), 147–160. <https://doi.org/10.1177/1476127020982866>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Espeland, W. N., & Sauder, M. (2007). Rankings and reactivity: How public measures recreate social worlds. *American Journal of Sociology*, 113(1), 1-40. <https://doi.org/10.1086/517897>
- Evans, L. (2004). Language, translation and the problem of international accounting communication. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 17(2), 210-248. <https://doi.org/10.1108/09513570410532438>
- Evans, L., & Kamla, R. (2018). Language and translation in accounting: a scandal of silence and displacement? *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 31(7), 1834-1843. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-09-2018-020>
- Filep, C. V., Turner, S., Eidse, N., Thompson-Fawcett, M., & Fitzsimons, S. (2018). Advancing rigour in solicited diary research. *Qualitative Research*, 18(4), 451-470. <https://doi.org/10.1177/1468794117728411>
- Freire, P. (1997). *A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Freitag, V. da C. (2023). Desafios e Diferenciais da Pesquisa Qualitativa. *Prospectus - Perspectivas Qualitativas Em Contabilidade e Organizações*, 3(1), 3-4. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9606.2023v3n1.67166>
- Gallhofer, S., Haslam, J., & Yonekura, A. (2013). Further critical reflections on a contribution to the methodological issues debate in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 24(3), 191-206. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2012.09.005>
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2019). Some reflections on the construct of emancipatory accounting: Shifting meaning and the possibilities of a new pragmatism. *Critical Perspectives on Accounting*, 63, 101975. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.01.004>
- Gehman, J., Glaser, V. L., Eisenhardt, K. M., Gioia, D., Langley, A., & Corley, K. G. (2018). Finding Theory–Method Fit: A Comparison of Three Qualitative Approaches to Theory Building. *Journal of Management Inquiry*, 27(3), 284–300. <https://doi.org/10.1177/1056492617706029>
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>
- Gioia, D. A., & Pitre, E. (1990). Multiparadigm perspectives on theory building. *Academy of Management Review*, 15(4), 584–602. <https://doi.org/10.5465/amr.1990.4310758>
- Gioia, D. A., Corley, K. G., & Hamilton, A. L. (2013). Seeking Qualitative Rigor in Inductive Research: Notes on the Gioia Methodology. *Organizational Research Methods*, 16(1), 15–31. <https://doi.org/10.1177/1094428112452151>
- Gioia, D., Corley, K., Eisenhardt, K., Feldman, M., Langley, A., Lê, J., Golden-Biddle, K., Locke, K., Mees-Buss, J., Piekkari, R., Ravasi, D., Rerup, C., Schmid, T., Silverman, D., & Welch,

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- C. (2022). A Curated Debate: On Using “Templates” in Qualitative Research. *Journal of Management Inquiry*, 31(3), 231–252. <https://doi.org/10.1177/10564926221098955>
- Gendron, Y. (2008). Constituting the academic performer: the spectre of superficiality and stagnation in academia. *European Accounting Review*, 17(1), 97-127. <https://doi.org/10.1080/09638180701705973>
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>
- Gendron, Y. (2019). Mantendo-se fiel ao contexto. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 80–95. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14i4.31345
- Gendron, Y., & Rodrigue, M. (2021). On the centrality of peripheral research and the dangers of tight boundary gatekeeping. *Critical Perspectives on Accounting*, 76, 102076. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2019.02.003>
- Gephart, R. P. (2004). Qualitative Research and the Academy of Management Journal. *Academy of Management Journal*, 47(4), 454–462. <https://doi.org/10.5465/amj.2004.14438580>
- Godoy, A. S. (2005). Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Gestão.Org*, 3(2), 80-89.
- Golden-Biddle, K., & Locke, K. D. (2007). *Composing Qualitative Research*. SAGE Publications.
- Gonçalves, R. (2018). A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, 12(22), 350. <https://doi.org/10.19177/prppge.v12e222018350-367>
- Grossi, G., Steccolini, I., Adhikari, P., Brown, J., Christensen, M., Cordery, C., Ferry, L., Lassou, P., McDonald III, B., Raudla, R., Sicilia, M., & Vinnari, E. (2023). The future of public sector accounting research. A polyphonic debate. *Qualitative Research in Accounting & Management*. 20(1), 1-37. <https://doi.org/10.1108/ORAM-09-2022-0135>
- Guénin-Paracini, H., Gendron, Y., & Morales, J. 2014. Neoliberalism, crises and accusations of fraud: A vicious circle of reinforcing influences? *Qualitative Research in Accounting & Management*, 11(4), 317-356. <https://doi.org/10.1108/ORAM-05-2013-0020>
- Guba, E. G. (1981). Criteria for Assessing the Trustworthiness of Naturalistic Inquiries. *Educational Communication and Technology*, 29(2), 75–91. <https://doi.org/10.1126/science.146.3642.347>
- Haynes, K. (2023), Reflexivity and academic identity in accounting: intersubjective reflexive identity work as a feminist academic, *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 36(5), 1379-1395. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-10-2022-6099>
- Hayoun, S. (2018). The semio-logic of financial accounting: A non-essentialist conceptualisation of the IFRS balance sheet. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 31(7), 2055-2082. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-06-2017-2977>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Homero Jr, P. F. A (2017a). Constituição do Campo Científico e a Baixa Diversidade da Pesquisa Contábil Brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11(3), 314-328. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>
- Homero Jr, P. F. (2017b). O Complexo de Vira-Lata no Discurso Acadêmico Brasileiro sobre as IFRS. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 12(2). https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v12i2.13403
- Hopper, T. & Powell, A. (1985). Making sense of research in the organizational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions. *Journal of Management Studies*, 22(3), 429-65. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1985.tb00007.x>
- Hopwood, A. G. (1987). The archeology of accounting systems. *Accounting, Organizations and Society*, 12(3), 207-234. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90038-9](https://doi.org/10.1016/0361-3682(87)90038-9)
- Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *The Accounting Review*, 82(5), 1365-1374. <https://www.jstor.org/stable/30243502>
- Imoniana, J. O., Brunstein, J., & Casa Nova, S. P. D. C. (2022). The account of teaching qualitative research method in accounting program in Brazil. *Educational Research and Reviews*, 17(11), 264-272. <https://doi.org/10.5897/ERR2022.4283>
- Jensen, C. B. (2007). Sorting attachments: usefulness of STS in healthcare practice and policy. *Science as Culture*, 16(3), 237-251. <https://doi.org/10.1080/09505430701568636>
- Johnson, H.T. and Kaplan, R.S. (1987), The rise and fall of management accounting [2], *Strategic Finance*, 68(7), p. 22.
- Jonsen, K., Fendt, J., & Point, S. (2018). Convincing Qualitative Research: What Constitutes Persuasive Writing? *Organizational Research Methods*, 21(1), 30-67. <https://doi.org/10.1177/1094428117706533>
- Jordan, S., Jørgensen, L., & Mitterhofer, H. (2013). Performing risk and the project: Risk maps as mediating. *Management Accounting Research*, 24(2), 156-174.
- Klein Jr., V. H., & Reilley, J. T. (2021). The temporal dynamics of enterprise risk management. *Critical Perspectives on Accounting*. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2021.102363>
- Krauss, S. E. (2005). Research paradigms and meaning making: A primer. *The Qualitative Report*, 10(4), 758-770.
- Laughlin, R. (1995). Empirical research in accounting: alternative approaches and a case for “middle-range” thinking. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 8(1), 63-87. <https://doi.org/10.1108/09513579510146707>
- Law, J. (2004). *After Method: Mess in social science research*. London: Routledge.
- Lee, L. D. (2008). Interpreting interpretive accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 19: 909-914. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2007.03.013>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Lester, J. N., Cho, Y., & Lochmiller, C. R. (2020). Learning to do qualitative data analysis: A starting point. *Human resource development review*, 19(1), 94-106.
- Lehman, C., & Tinker, T. (1987). The 'real' cultural significance of accounts. *Accounting, Organizations and Society*, 12(5), 503- 522. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90033-X](https://doi.org/10.1016/0361-3682(87)90033-X)
- Lehman, C. R. (2019). Reflecting on now more than ever: Feminism in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 65, 102080. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2019.04.001>
- Lima, J. P. R. de, Casa Nova, S. P. de C., & Vendramin, E. de O. (2023). Sexist academic socialization and feminist resistance: (de)constructing women's (dis)placement in Brazilian accounting academia. *Critical Perspectives on Accounting*, 102600. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2023.102600>
- Lodh, A. C., & Gaffikin, M. J. R. (1997). Critical Studies in Accounting Research, Rationality and Habermas: A Methodological Reflection. *Critical Perspectives on Accounting*, 8: 433-474. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0108>
- Lourenço, R. L.; Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 101-124. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>
- MacKenzie, D. (2006). *An Engine, Not a Camera: How Financial Models Shape Markets*. London: The MIT Press.
- MacKenzie, D., & Millo, Y. (2003). Constructing a market, performing theory: The historical sociology of a financial derivatives exchange. *American Journal of Sociology*, 109(1), 107-145.
- Macías, H. A. (2014). El futuro de las revistas contables colombianas: Un debate polifónico. *Cuadernos de Contabilidad*, 15(37). <https://doi.org/10.11144/Javeriana.CC15-37.frcc>
- Malsch, B., & Salterio, S. E. (2016). "Doing good field research": Assessing the quality of audit field research. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 35(1), 1-22. <https://doi.org/10.2308/ajpt-51170>
- Martins, D. B., Espejo, M. M. D. S. B., & Frezatti, F. (2015). Problem-Based Learning no ensino de contabilidade gerencial: relato de uma experiência brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 9(4). <https://doi.org/10.17524/repec.v9i4.1340>
- Mendonça, O. R., Oyadomari, J. C. T., & Lima, R. G. D. (2022). Pragmatismo: a conexão entre a teoria e a prática. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 15(3), 33-44.
- Meth P 2003 Entries and omissions: using solicited diaries in geographical research. *Area*, 35 195-205

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolocci Espejo.

- Meyssonnier, F. (2015). What Kind of Management Control for Startups? Accounting Auditing Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Control*, 21, 33-61. <https://www.cairn-int.info/journal--2015-2-page-33.htm>
- Miller, P. (2000). How and why sociology forgot accounting. *Presented at the Accounting, Organizations and Society 25th Anniversary Conference, University of Oxford.*
- Miller, P., & Napier, C. (1993). Genealogies of calculation. *Accounting, Organizations and Society*, 18, 631-647.
- Miller, P., & O'Leary, T. (2007). Mediating instruments and making markets: Capital budgeting, science and the economy. *Accounting, Organization and Society*, 32(7-8), 701-734. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2007.02.003>
- Miller, P., & Power, M. (2013). Accounting, organizing, and economizing: Connecting accounting research and organization theory. *The Academy of Management Annals*, 7(1), 557-605. <https://doi.org/10.1080/19416520.2013.783668>
- Mills, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. New York: Oxford University.
- Mills, C. W. (2023). The sociological imagination. In *Social Work* (pp. 105-108). Routledge.
- Mikes, A., & New, S. (2023). How to Create an Optopia? – Kim Stanley Robinson’s “Ministry for the Future” and the Politics of Hope. *Journal of Management Inquiry*, 32(3), 228–242. <https://doi.org/10.1177/10564926231169170>
- Modell, S. (2015). Theoretical triangulation and pluralism in accounting research: a critical realist critique. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 28(7), 1138 – 1150. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-10-2014-1841>
- Moizer, P. (2009). Publishing in accounting journals: A fair game? *Accounting, Organizations and Society*, 34(2), 285-304. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2008.08.003>
- Monteiro, E., Pollock, N., Hanseth, O., & Williams, R. (2013). From artefacts to infrastructures. *Compututer Supported Cooperative Work*, 22, 575–607. <https://doi.org/10.1007/s10606-012-9167-1>
- Morgan, G. (1988). Accounting as reality construction. *Accounting, Organization and Society*, 13(5), 477-485. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(88\)90018-9](https://doi.org/10.1016/0361-3682(88)90018-9)
- Mueller, G., Barford, A., Osborne, H., Pradhan, K., Proefke, R., Shrestha, S., & Pratiwi, A. M. (2023). Disaster diaries: Qualitative research at a distance. *International Journal of Qualitative Methods*, 22, 1-19, <https://doi.org/10.1177/1609406922114716>
- Neo, P. H. M., Lim J. M., Tan R. K. J., & Ong S. E. (2022). Using WhatsApp focus group discussions for qualitative data collection: Exploring knowledge, attitudes, and perceptions of Covid-19 in Singapore. *International Journal of Qualitative Methods*, 21, 1–12. <https://doi.org/10.1177/16094069221090355>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Nobes, C. (2014). *Accounting: A very short introduction*. OUP Oxford.
- Nowell, B., & Albrecht, K. (2018). A Reviewer's Guide to Qualitative Rigor. *Journal of Public Administration Research and Theory*, 29(2), 348–363. <https://doi.org/10.1093/jopart/muy052>
- O'Reilly, K., Ramanaik, S., Story, W. T., Gnanaselvam, N. A., Baker, K. K., Cunningham, L. T., ... & Pujar, A. (2022). Audio diaries: A novel method for water, sanitation, and hygiene-related maternal stress research. *International Journal of Qualitative Methods*, 21, 1-10, <https://doi.org/10.1177/16094069211073222>
- Pagliarussi, M. S. (2022). Precisamos escrever diferente. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 16(e191894), 1–11. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2022.191894>
- Parker, L. D. (2008). Interpreting interpretive accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(6), 909-914. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2007.03.013>
- Patiño-Jacinto, R. A., Juan Carlos, Burgos Rolón, S. D., Valero Zapata, G.M., & Macías-Cardona, H. A. (2021). Accounting research groups and their characteristics according to the model of the Ministry of Science and Technology as 2019 in Colombia. *Cuadernos de Administración*, 37(69), e2110704. <https://doi.org/10.25100/cdea.v37i69.10704>
- Pernecky, T. (2016). *Epistemology and Metaphysics for Qualitative Research*. London: Sage.
- Pereira, R. C. M., Constantino, F. d. F. d. S., Sauerbronn, F. F., & Macedo, M. A. d. S. (2019). Pesquisa qualitativa em contabilidade: um panorama de sua evolução no congresso ANPCONT à luz da literatura internacional. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 16(41), 204-224. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8069.2019v16n41p204>
- Perera, K. (2020). The interview as an opportunity for participant reflexivity. *Qualitative Research*, 20(2), 143-159. <https://doi.org/10.1177/1468794119830539>
- Philipps, A., & Mrowczynski, R. (2021). Getting more out of interviews. Understanding interviewees' accounts in relation to their frames of orientation. *Qualitative Research*, 21(1), 59-75. <https://doi.org/10.1177/146879411986754>
- Pimentel, E., Cho, C. H., & Bothello, J. (2023). The blind spots of interdisciplinarity in addressing grand challenges. *Critical Perspectives on Accounting*, 93. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2022.102475>
- Power, M. (2015). How accounting begins: Object formation and the accretion of infrastructure. *Accounting, Organizations and Society*, 47(15), 43-55. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2015.10.005>
- Power, M. K., & Gendron, Y. (2015). Qualitative research in auditing: A methodological roadmap. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 34(2), 147–165. <https://doi.org/10.2308/ajpt-10423>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Power, M. (2022). Theorizing the economy of traces: From audit society to surveillance capitalism. *Organization Theory*. <https://doi.org/10.1177/263178772111052>
- Quintão, A. A., & Carvalho De Paula, D. (2021). Racismo acadêmico: apontamentos sobre a exclusão das docentes negras e negros. Anais do XXIV SEMEAd 2021, São Paulo, EAD-FEAUSP. Recuperado de https://login.semead.com.br/24semead/anais/resumo.php?cod_trabalho=786
- Rashid, Y., Rashid, A., Warraich, M. A., Sabir, S. S., & Waseem, A. (2019). Case Study Method: A Step-by-Step Guide for Business Researchers. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 160940691986242. <https://doi.org/10.1177/1609406919862424>
- Reilley, J., & Löhlein, L. (2023). Theorizing (and) the future of interdisciplinary accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 93 (102578). <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2023.102578>
- Reilley, J., & Scheytt, T. (2017). Governing through quantification: Developing a calculative infrastructure for controlling quality in German hospitals. *Risk & Regulation*, 33, 17-21.
- Rihoux, B., Álamos-Concha, P., & Lobe, B. (2021) 'Qualitative Comparative Analysis (QCA) An Integrative Approach Suited for Diverse Mixed Methods and Multimethod Research Strategies'. In A.J. Onwuegbuzie & R. B. Johnson (eds) *The Routledge Reviewer's Guide to Mixed Methods Analysis*, 185-195.
- Roslender, R. (2013). Stuck in the middle with who? (Belatedly) engaging with Laughlin while becoming re-acquainted with Merton and middle range theorising. *Critical Perspectives on Accounting*, 24: 228-241. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2012.07.005>
- Ryan, B.; Scapens, R. W.; Theobald, M. (2002). Traditions of research in management accounting. In: Ryan, B.; Scapens, R. W.; Theobald, M. *Research Method and Methodology in Finance and Accounting*. London: Wouth Wester: Cengage Learning, p. 68-93.
- Sampaio, R. C., Sanchez, C. S., Marioto, D. J. F., Araujo, B. C. dos S., Herédia, L. H. O., Paz, F. S., Tigrinho, C. S., & Souza, J. R. de. (2022). Muita Bardin, pouca qualidade: Uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(25), Artigo 25. <https://doi.org/10.33361/RPO.2022.v.10.n.25.547>
- Sapir, Edward. [1949] 1985. *Selected Writings in Language, Culture and Personality*, ed. David G. Mandelbaum. Berkeley: University of California Press.
- Sauerbronn, F., Ayres, R., da Silva, C., & Lourenço, R. (2021). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, 102281. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2020.102281>

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Scapens, R. W. (2012). How important is practice-relevant management accounting research? *Qualitative Research in Accounting & Management*, 9(3). <https://doi.org/10.1108/qram.2012.31409caa.009>
- Scheibelhofer, E. (2023). The Interpretive Interview. An Interview Form Centring on Research Participants' Constructions. *International Journal of Qualitative Methods*, 22, 1-8. <https://doi.org/10.1177/16094069231168748>
- Schön, D. (2001). The crisis of professional knowledge and the pursuit of an epistemology of practice. *Counterpoints*, 166 (Competence in the learning society), 183-207.
- Seguin, M., Mendoza, J., Mallari, E., Lasco, G., Maever L Amit, A., Palileo-Villanueva, L. M., ... & Balabanova, D. (2022). Participant use of digital diaries in qualitative research: A strong structuration analysis. *International Journal of Qualitative Methods*, 21, <https://doi.org/10.1177/16094069221124725>
- Silva, S. M. C. (2016). Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Silva, S. M. C. da, & Nova, S. P. de C. C. (2018). Pesquisa qualitativa ou qualidade em pesquisa? Um exemplo de contribuição sócio-humanista em pesquisa contábil. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 13(1), 120–141. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.15860
- Silva, S. M. C. da. (2019). Nenhum Saber a Menos! *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 120–124. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14i4.31348
- Simovska, V., Colding Lagermann, L., Salah Abduljalil, H., Lerche Mørck, L., & Kousholt, D. (2019). Inside out: What we (don't) talk about when we talk about research. *Qualitative Research*, 19(2), 113–130. <https://doi.org/10.1177/1468794117749165>
- Silverman, D. (2017). How was it for you? The Interview Society and the irresistible rise of the (poorly analyzed) interview. *Qualitative research*, 17(2), 144-158. <https://doi.org/10.1177/1468794116668231>
- Simpson, B., & den Hond, F. (2022). The Contemporary Resonances of Classical Pragmatism for Studying Organization and Organizing. *Organization Studies*, 43(1), 127–146. <https://doi.org/10.1177/0170840621991689>
- Spivak, G. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Star, S. L. (1999). The ethnography of infrastructure. *American Behavioral Scientist*, 43(3), 377-391.
- Steccolini, I. (2022). What counts as “good” qualitative accounting research? Researchers' perspectives on assessing and proving research quality. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-05-2022-5808>
- Stoner, Greg. (2023). Notas de aula. Workshop on Publishing and Reviewing (PuRe). Powerpoint. FEA - USP.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

- Thomas, M. E. (2009). *Auto-photography*. Columbus, OH: The Ohio State University
- Thornberg, R., & Charmaz, K. (2014). Grounded theory and theoretical coding. *The SAGE handbook of qualitative data analysis*, 153-169.
- Tomkins, C., & Groves, R. (1983). "The everyday accountant and researching his reality": Further thoughts. *Accounting, Organizations and Society*, 8(4), 407-415. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(83\)90053-3](https://doi.org/10.1016/0361-3682(83)90053-3)
- Törrönen, J. (2018). Using vignettes in qualitative interviews as clues, microcosms or provokers. *Qualitative Research Journal*, 18(3), 276-286. <https://doi.org/10.1108/QRJ-D-17-00055>
- Tracy, S. J. (2010). Qualitative Quality: Eight "Big-Tent" Criteria for Excellent Qualitative Research. *Qualitative Inquiry*, 16(10), 837-851. <https://doi.org/10.1177/1077800410383121>
- Vaivio, J. (2008). Qualitative management accounting research: rationale, pitfalls and potential. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 5(1), 64 - 68. <https://doi.org/10.1108/11766090810856787>
- Van Maanen, J. (1998). Different strokes: Qualitative research in the Administrative Science Quarterly from 1956 to 1996. In J. Van Maanen (Ed.), *Qualitative studies of organizations: ix-xxxii*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Vollmer, H. (2003). Bookkeeping, accounting, calculative practice: The sociological suspense of calculation. *Critical Perspectives on Accounting*, 14(3), 353-381. <https://doi.org/10.1006/cpac.2002.0528>
- Vollmer, H., Mennicken, A., & Preda, A. (2009). Tracking the numbers: Across accounting and finance, organizations and markets. *Accounting, Organization and Society*, 34, 619-637. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2008.06.007>
- Wang, C., & Burris, M. A. (1997). Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behaviour*, 24, 369.
- Watts, S., & Stenner, P. (2005). Doing Q methodology: Theory, method and interpretation. *Qualitative Research in Psychology*, 2(1), 67-91.
- Wickert, C., Post, C., Doh, J. P., Prescott, J. E., & Prencipe, A. (2020). Management Research that Makes a Difference: Broadening the Meaning of Impact. *Journal of Management Studies*. <https://doi.org/10.1111/joms.12666>
- Willmott, H. (2008). Listening, Interpreting, Commending: a commentary on the future of interpretive accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(6), 920-925. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2007.02.007>
- Wiechetek, Ł., & Pastuszak, Z. (2022). Academic social networks metrics: an effective indicator for university performance? *Scientometrics*, 127(3), 1381-1401.

Ricardo Rocha Azevedo (org.); Vitor Hugo Klein Júnior; Fernanda Filgueiras Sauerbronn; Silvia Pereira de Castro Casa Nova; Marcelo Sanches Pagliarussi; Sandra Maria Cerqueira da Silva; André Feliciano Lino; Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo.

York, S. W., Oliveira, M. R. G., & Benevides, B. (2020). Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, 28(3), e75614. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375614>

Zengul, F. D., Oner, N., Byrd, J. D., & Savage, A. (2021). Revealing Research Themes and Trends in 30 Top-ranking Accounting Journals: A Text-mining Approach. *Abacus*, 57(3), 468–501. <https://doi.org/10.1111/abac.12214>